

DO PIONEIRISMO AO SÉCULO XXI:
A HISTÓRIA DA PRIMEIRA INSTITUIÇÃO
FINANCEIRA COOPERATIVA
DA AMÉRICA LATINA

Fazendo juntos!

Título do livro: Do pioneirismo ao século XXI: a história da primeira instituição financeira cooperativa da América Latina

Ano: 2021

Textos: Marcos Mantovani e Valquíria Vita

Referências bibliográficas: pesquisa da historiadora Angela Sperb, do jornalista Eli-seu Demari e do livro Memórias Autobiográficas, de Theodor Amstad

Projeto gráfico e diagramação: Angela Pinto e Daniel Ribeiro

Fotografias: acervos da Sicredi Pioneira, Ovídio Hillebrand e Felipe Kuhn Braun. Fotografias das cidades de Jeí Heydt

Caso de ensino: Bruno Anicet Bittencourt

Entrevistas em profundidade (depoimentos): Alvaro Benevenuto e Luciane Schommer

Dados das Cidades: IBGE, FEE – Fundação de Economia e Estatística, e INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

Revisão: Valquíria Vita, Heloisa Helena Lopes, Tiago Luiz Schmidt, Solon Stapassola Stahl, Daniel José Hillebrand, Márcio Port, Bianca Hoffmann Hennemann, Milena Portz Graves.

Edição e organização: Legado Histórias de Vida

Coordenação Geral: Animus Soluções

Gráfica: São Miguel

Tiragem: 850

ÍNDICE

índice

Capítulo 1

SEJA BEM-VINDO, COOPERATIVISMO 5

Capítulo 2

RETIRANDO PEDRAS DO CAMINHO 23

Capítulo 3

O MUNDO JÁ NÃO É O MESMO 41

Capítulo 4

ESTAMOS AQUI 57

LINHA DO TEMPO 81

DEPOIMENTOS 85

MUNICÍPIOS 99

AGRADECIMENTOS 143

*Seja
bem-vindo,
cooperativismo*

Capítulo 1

SEJA BEM-VINDO, COOPERATIVISMO

NÃO TRABALHAR APENAS PARA MIM MESMO, SENÃO PELOS OUTROS OU PARA O BEM COMUM: TAMBÉM ISSO O TINHA APRENDIDO DOS MEUS PAIS E AVÓS, QUE SEMPRE SE ACHAVAM NA PONTA EM TODAS AS INICIATIVAS DE UTILIDADE COMUNITÁRIA.

Theodor Amstad

*a história começa com
a cena em preto e branco.
uma fotografia antiga, de autoria incerta.*



A FOTOGRAFIA

Esta história começa com uma cena em preto e branco. É uma fotografia antiga, de autoria incerta. A qualidade está prejudicada pela ação do tempo, pela granulação, mas os dois personagens da imagem ainda saltam aos olhos. São figuras centrais no espírito da Cooperativa Pioneira, figuras que, cada uma a seu modo, fizeram a diferença. No centro da foto, em frente a uma cerca baixa de madeira, enxergamos um padre jesuíta montado serenamente em sua mula.

Não existe especificação de data, mas tudo leva a crer que é uma foto batida há mais de cem anos. O fotógrafo optou por um enquadramento lateral, a cinco ou seis metros de distância, o que lhe possibilitou capturar a totalidade das duas figuras. A vegetação meio descuidada está ocultando as patas da mula, mas Theodor Amstad, no alto, aparece em toda sua dignidade. Seu olhar calmo e confiante talvez esteja mirando

A fotografia

*Amstad e a mula Diana desbravando
as terras do Rio Grande do Sul.
A imagem determinante.*

**UM PADRE VIAJANTE.
UMA MULA CHAMADA DIANA.
UMA ESTRADA À ESPERA. É
COMO SE ESSA FOTOGRAFIA
FOSSE O MARCO ZERO DA
COOPERATIVA PIONEIRA.**

o futuro, os caminhos, as sinuosidades que o cooperativismo de crédito no RS teria pela frente.

Um padre viajante. Uma mula chamada Diana. Uma estrada à espera. É como se essa fotografia fosse o marco zero da Cooperativa Pioneira. Amstad percorrendo sem descanso as estradas irregulares do estado, à mercê da natureza e do tempo. Muito

barro, muita chuva, muitas subidas custosas para a mula Diana vencer. Assim mesmo, para Amstad, uma vontade inflexível de conhecer as realidades de moradores distantes e, desse modo, compreender o que lhes fazia falta no fim do século 19 e no início do 20.

Na fotografia, dá para ver que Amstad posicionou uma bolsa de viagem no lombo da mula Diana. É uma bolsa que, de maneira surpreendente, parece ter sido confeccionada ontem à tarde. Ela tem design moderno e um compartimento lateral que serve para Amstad guardar os seus cadernos de registro e de comentários. A propósito, Amstad gostava de fazer anotações — isso desde 1885, ano em que chegou ao Brasil.

Anotações sobre hábitos socioculturais, condições da terra, topografia. Mas sobretudo anotações a respeito das práticas econômicas dos agricultores, do modo como faziam (ou não) o dinheiro circular.

Será que o fotógrafo tinha a consciência de que estava fotografando o futuro Patrono do Cooperativismo Brasileiro? Provavelmente não, porque o enquadramento da foto não foi muito bem calculado. O chapéu de aba escura de Amstad está a poucos centímetros do teto da imagem, causando uma sensação de achatamento. E achatamentos não tinham nada a ver com Amstad. Ele estava mais para os alargamentos — um homem largo tanto em suas ideias quanto em suas ações.

Não podemos esquecer a mula Diana. Ela deveria ter ganhado mais destaque dentro da composição da fotografia, talvez em uma angulação que a valorizasse mais, já que não era uma mula comum. Sem ela, dificilmente Amstad teria chegado a todos os lugares remotos que visitou. Essa mula o conduziu sem jamais hesitar por causa de mau tempo ou de mau humor. Ela ofereceu a Amstad a chance de ficar frente a frente com agricultores do RS e, assim, interpretar suas dificuldades e in experiências econômicas — foi dessa maneira que começou a história dos 120 anos da Cooperativa Pioneira.

Uma fotografia em preto e branco como ponto de partida desta história. Amstad e a mula Diana posando para o fotógrafo e, em seguida, lançando-se em uma investigação de campo que culminaria na criação do cooperativismo de crédito na América Latina. É uma fotografia para ser emoldurada. A imagem vanguardista da essência da Cooperativa Pioneira. A imagem determinante.

UM PROBLEMA

No fim do século 19, existia um problema imobilizante para os imigrantes alemães que viviam espalhados pela região de Nova Petrópolis, no RS. O que fazer para que o trabalho rendesse mais? Como criar uma rede de cooperação para que os esforços pessoais pudessem ser potencializados? Essa adversidade suscitava receio nos imigrantes e gerava discussões tanto em língua portuguesa quanto em dialeto alemão.

Brasil e Alemanha. Mas a Suíça também fazia parte dessa equação — Amstad era suíço, de Beckenried, às margens do lago Vierwaldstaettersee. Ele chegou ao Brasil em 1885 e, alguns anos depois, devido à sua função de homem religioso com a missão de difundir a palavra de Deus, começou a transitar por várias regiões do RS junto com a mula Diana. Os dois movimentaram-se pelas encostas das montanhas, pelos vales. E demorou pouco para que Amstad se deparasse com as dificuldades dos imigrantes alemães.

Faltavam terras produtivas, infraestrutura, políticas de apoio, sem contar que havia entraves para a negociação dos produtos disponíveis. A imigração alemã no RS vinha acontecendo desde 1824, mas era como se em

A IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO RS VINHA ACONTECENDO DESDE 1824, MAS ERA COMO SE EM 1890 ALGUNS PROBLEMAS BÁSICOS NÃO TIVESSEM SIDO SOLUCIONADOS AINDA. ERA PERCEPTÍVEL QUE ALGUMA COISA PRECISAVA SER MODIFICADA.

1890 alguns problemas básicos não tivessem sido solucionados ainda. Era perceptível que alguma coisa precisava ser modificada. O fundamento dos negócios necessitava de ajustes, caso contrário, a situação poderia se intrinchar muito mais.

Uma das precariedades estava na logística, o que sempre gerava travamentos. A escassez de estradas isolava os agricultores e os impossibilitava de aumentar suas produções. Sem estradas apropriadas, os custos de frete aumentavam de modo perturbador. O lucro quase inexistia. E, por causa da dificuldade de escoar produtos, muitas coisas vindas da terra acabavam estragando em celeiros, configurando assim uma derrota atrás da outra para os agricultores.

Em seu caderno de viagem, Amstad anotava tudo isso. Tomava notas às vezes até mesmo montado na mula Diana, para não perder os insights que a mente lhe entregava. Seus olhos esquadrihavam as realidades difíceis dos imigrantes, enquanto sua mão, ágil na caligrafia, registrava cada pormenor que estivesse ao redor. Essas escritas foram cruciais para a articulação das ideias de Amstad. Quando se recolhia à noite para dormir, ele as lia em privacidade e ponderava, estimulando em si mesmo uma atitude buscadora de soluções.



Ao fim do dia, Amstad relia tudo o que tinha anotado em suas visitas. Havia muito a fazer.

Noites e noites em que a mula Diana se permitia momentos de descanso, ao passo que Amstad relia o que tinha anotado durante o dia. Relia tudo e visualizava respostas aos impasses econômicos dos imigrantes alemães. Era a História acontecendo à meia-luz, no leito de Amstad, não importando em qual localidade ele estivesse hospedado. O primeiro capítulo de uma saga que iria melhorar a vida de inúmeras pessoas que se sentiam desamparadas tanto pela má vontade política da época quanto pelas arbitrariedades do destino.

Esse destino incerto fez com que vários imigrantes alemães partissem precocemente da região de Nova Petrópolis. Sentiam-se ameaçados pelo esgotamento do solo, pela falta de estrutura e também pela má sorte, como se um força superior os estivesse castigando sem piedade. Nesse sentido, Amstad teve uma relevância duplicada para os que decidiram ficar. Ele era o homem de Deus que, além de oferecer conforto espiritual aos imigrantes, começou a lhes estimular uma nova consciência em relação aos negócios, à economia. Amstad estava ali para criar soluções.

UM POUCO ANTES, NA INGLATERRA

Embora a trajetória humana tenha exemplos muito antigos de práticas de cooperação financeira, as bases do cooperativismo contemporâneo surgiram por volta de 1840, na Inglaterra. Foi uma resposta à realidade difícil da época, já que uma parcela enorme da população vivia à margem do crescimento social e econômico. Havia desigualdade, havia inclusive penúria e fome — faltavam condições de desenvolvimento humano para inúmeras pessoas.

Foi por isso que em dezembro de 1844, amparados pelas primeiras reflexões modernas (e eficientes) sobre cooperativismo, 27 tecelões se reuniram na cidade inglesa de Rochdale, região metropolitana de Manchester, para criar a primeira cooperativa mundialmente reconhecida. É importante sublinhar o fato de que uma mulher, Eliza, ingressou nesse grupo logo depois, fato que chama atenção, uma vez que na metade do século 19 a atuação feminina no mercado de trabalho ainda era bastante reprimida.

Sim, o título de primeira cooperativa pertence à cidade de Rochdale, mas isso não significa que antes não tenham existido iniciativas cooperativistas dentro da própria Inglaterra. A grande diferença é que todas essas iniciativas anteriores não prosperaram. Rochdale, não. Suas normas e sua estrutura se tornaram os princípios teóricos do cooperativismo. Por exemplo, a livre adesão e demissão de seus sócios, o direito a um voto por associado, a distribuição proporcional das sobras, os juros limitados, o fundo de reserva para aumento do capital e para a melhoria da educação.

Em Rochdale, esse grupo se mobilizou devido à rapidez com que o novo modelo industrial estava atropelando o trabalho artesanal. Na época, havia na sociedade as amostras iniciais do capitalismo dito ganancioso, uma mentalidade que acabaria acarretando preços abusivos, sem falar nas exaustivas jornadas trabalhistas, um sistema que sugava a energia inclusive de crianças. Não bastasse, o modelo industrial impunha uma nova e difícil realidade para as pessoas: o desemprego crescente devido à substituição da força de trabalho pelos teares movidos a vapor.

A cooperativa de Rochdale foi uma resposta a essas adversidades. E seu sucesso ocorreu graças a algumas características que a diferenciaram das ações cooperativistas antecedentes:

- 1) Formação de capital para a emancipação dos trabalhadores, por meio da economia na compra comum de alimentos.
- 2) Construção de moradias a um preço de custo.
- 3) Criação de estabelecimentos agrícolas e industriais para a produção, o abastecimento e a geração de empregos.
- 4) Incentivo à escolaridade e ao combate ao alcoolismo.
- 5) Comercialização somente com dinheiro, para que os cooperados não extrapassem seu orçamento.
- 6) Cooperação integral.

Isso tudo em 1844, sete anos antes do nascimento de Amstad. Tivesse ele nascido com antecedência e presenciado ao vivo a façanha do grupo dos tecelões, teria enchido com anotações o seu caderno de registro, anotações sobre os olhares e sorrisos dos pioneiros do cooperativismo moderno na Europa e no mundo. Só que Amstad não esteve lá. Nem a mula Diana. O tempo deles ainda não havia chegado. Eles iriam começar a fazer uma diferença concreta cerca de 50 anos depois, muito longe da Inglaterra e do resto da Europa.



Grupo de Rochdale, cujas normas se tornaram os princípios teóricos do cooperativismo.

UM MENINO DINÂMICO

Durante os primeiros anos de vida, ainda na Suíça, o menino Amstad já se mostrava atento às coisas que aconteciam ao redor, tanto em casa quanto na rua. Seu pai, chamado José Maria Amstad, era um trabalhador sério que, com esforço, deu vida a um comércio de queijo que acontecia em um armazém — local que serviu como uma espécie de laboratório para o filho. Ali, o menino tinha a oportunidade de observar uma variedade grande não só de negociações comerciais como também de pessoas, de relações humanas. Era um universo cheio de particularidades.

Um universo que o menino Amstad absorveu de modo intenso. Mercadorias, clientes, contabilidades. A matemática presente nos negócios do pai migrou logo para a cabeça do filho, que já tinha uma propensão aos números e aos cálculos. “Talvez se tratasse de uma previsão inconsciente de meu futuro”, escreveria Amstad anos depois, pontuando sua aptidão com cifras e contas. Uma aptidão que, sem demora, fez com que o menino começasse a dar aulas de matemática à sua irmã e a alguns colegas, aulas de reforço que complementavam o que era ensinado na escola.

Ajudante do pai no armazém e, ao mesmo tempo, um tutor de matemática para a irmã. Essas duas imagens são presságios, são cenas que antecipam algumas das coisas que Amstad desenvolveria, são exemplos de como a matriz da sua atitude cooperativista se formou. Somando-se a isso, havia no entorno familiar uma atmosfera de serenidade. O pai e a mãe não discutiam, pelo menos não em frente aos filhos, uma discricção que levou o menino Amstad a se acostumar com uma atmosfera de equilíbrio e compostura.

O que também despontou cedo nele foi um senso de organização, traço de personalidade que sempre o acompanharia. Era normal que, em casa, o menino entrasse no gabinete do pai e organizasse as duas gavetas inferiores do armário, local onde ficavam brinquedos, brochuras ilustradas e livros de contos e de rezas. Sozinho e em silêncio, ele punha ordem na bagunça, o que não deixava de ser também um tipo de brincadeira — um passatempo de criança que, ao longo dos anos, fez com que Amstad desse importância à disciplina e à estruturação.

Um menino dinâmico. E nesse dinamismo havia espaço inclusive para uma extensão religiosa, espiritual, que no futuro faria com que ele se tornasse padre. “Levantar! Está na hora da primeira missa”, dizia a mãe do menino Amstad, com voz decidida, antes de o sol nascer. Tanto a mãe quanto o pai desenvolveram nos filhos o hábito de frequentar as duas missas dominicais, inclusive durante os invernos rigorosos europeus. Todos da casa precisavam comparecer às duas missas. Os pais de Amstad não admitiam desculpas, eram firmes em relação a essa regra.

Regra que o menino seguia de bom grado: comparecia à missa de abertura e, algumas horas depois, à missa solene. Entre os dois compromissos, tomava o café da manhã, que era preparado com carinho pela mãe. O fato é que esses domingos com duas missas acabaram criando uma dimensão transformadora no íntimo de Amstad — foram dias em que as interações com a religião moldaram nele uma visão humanista, um espírito de entrega.

O QUE TAMBÉM
DESPONTOU CEDO NELE
FOI UM SENSO DE
ORGANIZAÇÃO, TRAÇO
DE PERSONALIDADE
QUE SEMPRE O
ACOMPANHARIA.

O menino que mais tarde se tornaria o Patrono do Cooperativismo Brasileiro estava em formação. E eram três os aspectos que se destacavam em sua personalidade, aspectos que seriam cruciais para as suas realizações futuras: o bom trato com as pessoas (exercitado no armazém do pai), a desenvoltura com a matemática (na escola e nas aulas para a irmã) e o aprofundamento religioso (na igreja da cidade de Beckenried). A vida começava a se abrir para o jovem Amstad.

UMA INFLUÊNCIA FRANCESA

Em Beckenried, na Suíça, enquanto a vida não se abria totalmente para o jovem Amstad, um francês chamado Charles Gide estava sistematizando os pensamentos cooperativistas da época. Gide era um economista e professor universitário que transitava por Paris, Montpellier e Bordeaux, sempre atento aos conflitos entre as empresas privadas e as cooperativas. Um homem que, devido à singularidade dos seus estudos econômicos, tornou-se logo um importante teórico do cooperativismo — alguém que influenciaria as ideias de Amstad.

Gide fazia parte da escola do solidarismo, também conhecida como escola de Nimes, constituída por indivíduos que estavam engajados na ideia de criar soluções econômicas para os impasses da época. Usando ao mesmo tempo sua experiência profissional e suas pesquisas acadêmicas, Gide se concentrou no modelo cooperativista rochdaleano, da Inglaterra.



Gide, economista e professor que também influenciou as ideias de Amstad.

Com os olhos nas particularidades desse modelo, ele criou e escreveu doze virtudes, qualidades que passariam a se misturar ao conceito de cooperativismo contemporâneo.

Além de complementarem as premissas da Cooperativa de Rochdale, as doze virtudes propostas por Gide tinham uma dimensão que ia além das questões econômicas. Havia nelas uma amplitude humana e por vezes quase religiosa, algo que faria muito sentido para Amstad anos depois. Gide se mostrava um economista preocupado com o lado financeiro e também com o lado das expectativas das pessoas. Ele acreditava que as cooperativas tinham

a capacidade de diminuir as mazelas sociais e, assim, conduzir os cidadãos a um mundo novo — levando em conta as doze virtudes cooperativistas por ele trabalhadas.

- 1) Estímulo ao auxílio mútuo.
- 2) Capacidade de poupar sem sacrificar a satisfação das necessidades.
- 3) Eliminação dos intermediários entre produtor e consumidor.
- 4) Abertura de mais espaço para as mulheres nas questões sociais e econômicas.
- 5) Fomento da autogestão econômica das pessoas.
- 6) Facilitação do acesso à propriedade.
- 7) Construção de propriedades coletivas por meio de um patrimônio cooperativo.
- 8) Estipulação de preços justos.
- 9) Exclusão do lucro capitalista.
- 10) Prevenção de conflitos por meio do incentivo à autonomia.
- 11) Difusão do conhecimento financeiro, a fim de que as pessoas pudessem eliminar dívidas.
- 12) Fomento da saúde e da educação, para que todo mundo tomasse decisões acertadas.

Nas décadas seguintes, Amstad se inspiraria nas convicções de Gide e também nas de outros membros da escola solidarista. Havia em comum entre todos eles o respeito pelo ser humano e a preocupação com o desenvolvimento do corpo social — era cada vez mais comum a tomada de consciência de que os membros das cooperativas precisavam estar alinhados com o bem-estar da sociedade. Dessa forma, difundiam-se os ideais de liberdade, democracia, equidade, justiça e solidariedade. Uma influência francesa para o suíço Amstad.

A SUÍÇA FICOU PEQUENA

Em 1864, aos treze anos, Amstad trocou a Suíça pela Áustria, para frequentar o Colégio Jesuíta na cidade de Feldkirch — era a cidade mais importante da região, devido às suas fábricas e, claro, ao colégio construído pelos jesuítas. É interessante o fato de que a localização dessa instituição de ensino dentro da Áustria, quase nas fronteiras com a Alemanha e a Suíça, estimulava o ingresso de alunos originários desses países vizinhos.

Mesmo muito jovem, Amstad já tinha se autoeducado para o hábito da leitura, um costume que ele fazia questão de exercitar onde quer que estivesse. E no colégio austríaco

esse hábito passou a se desenvolver ainda mais. Mas existia uma dificuldade prática: durante a época ginásial dele na Áustria, não havia luz elétrica à disposição dos alunos. Uma realidade que poderia restringir quem não tivesse a boa vontade de encontrar soluções.

A solução encontrada por Amstad e outros colegas era sair cedo da cama, geralmente às 5h. Desse modo, em frente às janelas cujas cortinas podiam ser totalmente abertas, daria para aproveitar o nascer do sol e a luz natural para instantes

de leitura antes que as tarefas estudantis de fato começassem. “No entanto, tinha que se dar em silêncio, para que o descanso dos demais não fosse estorvado”, Amstad escreveria décadas mais tarde em seus registros autobiográficos.

Se durante a infância, ainda na Suíça, o menino Amstad já possuía um senso de organização e disciplina, durante a pré-adolescência no Colégio Jesuíta austríaco esse senso foi potencializado graças ao Padre Pottgeisser. Esse padre não tolerava demonstrações de má vontade, chegando inclusive a organizar um “regimento de preguiçosos”, para embaraçar quem não se esforçasse. Amstad guardaria na memória uma frase de

MESMO MUITO JOVEM,
AMSTAD JÁ TINHA SE
AUTOEDUCADO PARA O
HÁBITO DA LEITURA, UM
COSTUME QUE ELE FAZIA
QUESTÃO DE EXERCITAR
ONDE QUER QUE
ESTIVESSE.

Pottgeisser referente à importância da organização do local de estudo: “Caros alunos, a escrivantina importa numa imagem da alma!”.

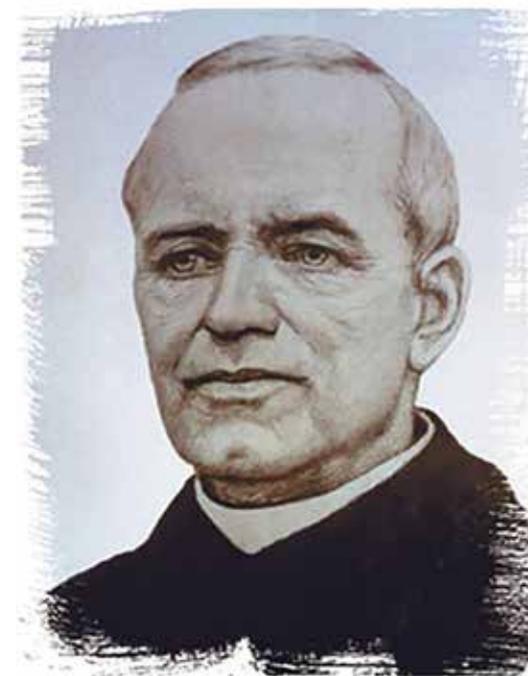
A jornada estudantil na Áustria era bastante trabalhosa. Até porque vivia-se em uma época rígida, com muitas obrigações para as pessoas cumprirem, e esse fato não seria diferente para os jovens estudantes de um colégio construído por jesuítas. Mas, entre os intervalos das tarefas, havia tempo para que os alunos construíssem amizades. Amstad faria ali um amigo que mais tarde também iria migrar para o Brasil. Seu nome era Gustavo Loecher, alguém cuja personalidade batia com a de Amstad, e isso iria torná-los confidentes de alegrias e pesares.

Estudos, amigos, rotinas. Depois de um ano no Colégio Jesuíta de Feldkirch, os padres austríacos descobriram a capacidade comercial de Amstad e decidiram nomeá-lo questor da 2ª divisão do Pensionato (“questor”, na Roma antiga, significava a pessoa encarregada das questões financeiras). Era uma função de confiança. E Amstad a cumpria com meticulosidade, fazendo as cobranças das dívidas de seus próprios colegas, o que às vezes gerava sentimentos desagradáveis nos devedores, que se percebiam observados por um cobrador honesto e inabalável. O futuro chegava cada vez mais depressa para a faceta econômica de Amstad.

O FUTURO SE APRESENTOU EM 1885

Após ter concluído seus estudos e sua formação religiosa em cidades da Áustria, Alemanha, Holanda e Inglaterra, era o momento de Amstad descobrir um novo destino. O futuro se apresentou para ele em 1885, conduzindo-o ao Brasil, país que o acolheria por várias décadas (primeiramente, ele havia sido indicado para atuar na Índia, mas conseguiu que o destino fosse o Brasil). Naquele momento, talvez sem perceber, Amstad estava se movimentando em direção a uma abertura de caminho grandiosa, prestes a se tornar o precursor do cooperativismo de crédito na América Latina.

A viagem da Europa para o Brasil ocorreu a bordo do navio Patagônia, que era um vapor de tamanho médio, propriedade da companhia inglesa Pacific Line. Esses vapores



Padre Amstad, rosto mais conhecido do cooperativismo no Brasil.

faziam o trajeto Liverpool/América do Sul duas vezes por mês e, cada vez mais, tinham padres como passageiros. Isso fez com que os religiosos passassem a ganhar um pequeno benefício durante a viagem, fato descrito com bom-humor por Amstad: “Visto que todos os nossos padres viajavam à América do Sul pela Pacific Line, dava-se-nos o privilégio de irmos em 1ª classe, embora somente pagando a segunda”.

Amstad comprou o bilhete de segunda classe em Liverpool, na Inglaterra, onde embarcou junto com outros quatro jesuítas. Houve escalas na França, em Portugal e na Ilha de Cabo Verde, trajetos que o vapor percorreu balançando muito: “Os estivadores tinham distribuído de forma desigual a carga e assim se dava que, com cada volta de hélice, o nosso vapor também fizesse seu balanço para um dos dois lados”, escreveu Amstad. Já em águas brasileiras, o Patagônia fez paradas breves em Recife e Salvador, antes de ancorar no Rio de Janeiro, no dia 1º de setembro de 1885.

Amstad ficou na cidade por cerca de uma semana, período que serviu para que ele recolhesse suas primeiras impressões sobre o Brasil, tendo o cuidado de anotá-las em seu caderno de viagem. Essas anotações iniciais a respeito do país foram um pouco negativas. Por exemplo, a corruptibilidade dos fiscais alfandegários, característica que Amstad percebeu ainda no desembarque, quando testemunhou um dos jesuítas do seu grupo sendo obrigado a entregar dinheiro a um fiscal em troca da liberação total das bagagens.

Depois da semana de ócio no Rio de Janeiro (caminhadas, visitas a igrejas, comparecimento como espectador ao cortejo imperial no dia 7 de setembro), era hora de subir

de novo a bordo do vapor e navegar até o Rio Grande do Sul, estado que desde 1824 vinha recebendo imigrantes alemães — seria ao lado de alguns desses imigrantes que poucos anos depois Amstad daria início à história da Cooperativa Pioneira.

UMA REALIDADE DIFÍCIL NO RS

Havia problemas no Rio Grande do Sul durante o século 19. E os primeiros jesuítas que chegaram ao estado passaram a registrar textualmente essas adversidades desde o princípio. Tanto que, antes de vir ao Brasil, Amstad já havia lido a respeito no Catálogo dos sócios e ofícios da dispersa Província Germânica da Companhia de Jesus. Uma leitura que lhe abriu os olhos para os desafios que encontraria na região dos vales do Rio dos Sinos e do Rio Caí, a começar pela desorganização cartográfica, cujo mau ordenamento fez com que Amstad articulasse algumas críticas.

“Vejam só a paróquia que lá se acha!... Como tem os limites horrivelmente desajeitados!... Eis uma faixa estreita ao longo do rio, com cinco paróquias de cada lado e, para cúmulo de tudo, o centro paroquiano dela situa-se no recanto extremo de sua parcela mais sulina”, disse. E em seguida complementou: “Apontara eu assim a paróquia de São Sebastião do Caí e, nem meio ano depois, já me encontrava nessa mesma paróquia, na mais desajeitada de todas, tendo nela que ficar por mais de vinte e dois anos”.

À medida que os primeiros jesuítas desenvolviam suas ações pastorais nas linhas e picadas da colônia de São Leopoldo, eles identificavam cada vez mais que tanto os imigrantes alemães quanto pessoas de outras etnias estavam perdendo a religiosidade. Essa constatação ajudou a dar início a uma ação mais abrangente da Igreja Católica no Rio Grande do Sul, com a chegada gradual de um número maior de jesuítas e também de franciscanos, capuchinhos, palotinos, maristas, salesianos, lassalistas, diocesanos, entre outros.

Na região dos vales do Rio dos Sinos e do Rio Caí, os jesuítas — com a ajuda das outras ordens religiosas — lideraram o projeto que tinha como objetivo a restauração católica no sul do Brasil. Havia muito trabalho a fazer. Então, para que áreas diferentes pudessem ser contempladas, as ações foram divididas em três eixos.

1) O associativismo, que era formado por uma rede de associações e assembleias religiosas e culturais, gerando assim uma integração entre a vida sociocultural e econômica, de acordo com a perspectiva religiosa.

2) A escola e as figuras dos professores paroquiais, como impulso à educação.

3) A difusão da imprensa através de uma editora para difundir os princípios do catolicismo e do cooperativismo, além de manter o idioma alemão vivo.

No momento em que Amstad chegasse à região, ele iria aderir às diretrizes desse projeto jesuíta, levando em conta não só o aspecto da religião como também os aspectos sociais e materiais. Para ele, embora a perspectiva católica fosse o norte das ações, os imigrantes alemães precisavam de um amparo extra que os levasse a lidar melhor com o trabalho e as finanças. Havia carência de orientação e direcionamento, uma carência que seria superada com o início das práticas cooperativistas.



*Encontro em Bom Princípio, meados de 1900.
Amstad é o sexto da fileira do meio
(da esquerda para a direita).*

Retirando pedras do caminho

Capítulo 2

RETIRANDO PEDRAS DO CAMINHO

“SE UMA GRANDE PEDRA SE ATRAVESSA NO CAMINHO E 20 PESSOAS QUEREM PASSAR, NÃO O CONSEGUIRÃO SE UMA POR UMA A PROCURAREM REMOVER INDIVIDUALMENTE. MAS SE AS 20 PESSOAS SE UNEM E FAZEM FORÇA AO MESMO TEMPO, SOB A ORIENTAÇÃO DE UMA DELAS, CONSEGUIRÃO SOLIDARIAMENTE AFASTAR A PEDRA E ABRIR CAMINHO PARA TODAS.”

Theodor Amstad

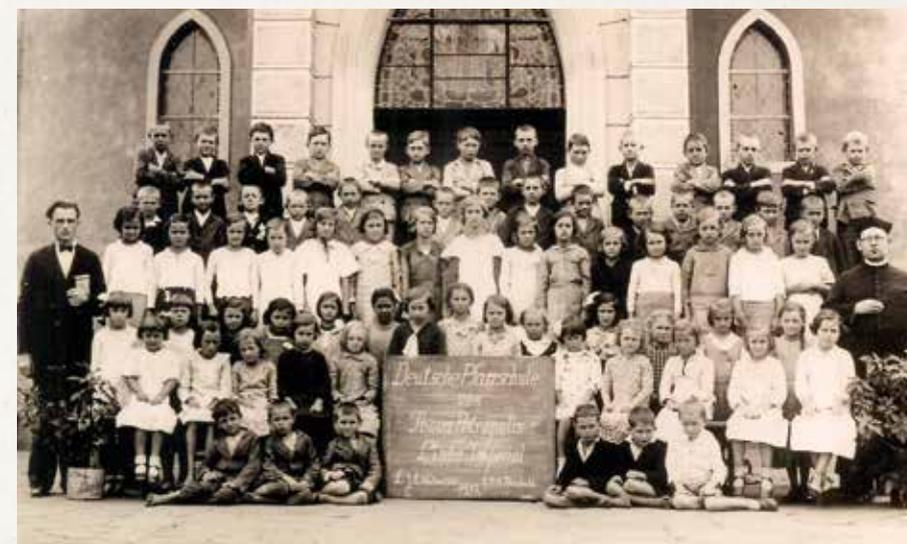
MOSTRANDO A QUE VEIO

No fim do século 19, quando Amstad enfim chegou ao Rio Grande do Sul e começou o seu trabalho como jesuíta, ele escreveu: “Da Vila de São Sebastião para chegar ao ponto norte mais avançado da Colônia de Nova Petrópolis, ao menos se precisava cavalgar umas doze horas. Para atingir de uma parte a outra à Colônia de Nova Petrópolis, cortada pelo rio Caí, tinha de gastar-se uma hora inteira, descendo o declive íngreme até o Caí de um lado e, noutro importava subir-se, como que trepando, outra hora inteira no lombo da cavalgada.”

Essa precariedade das estradas era um problema constante para quem vivia na região de Nova Petrópolis. Não era fácil chegar à sede do município e ao porto do rio Caí, porto que dava início à rota dos barcos em direção a Porto Alegre. Os acessos por terra eram limitados e, ao se apresentarem, careciam de boas condições, contribuindo para a estagnação econômica da região — esse fator de ineficiência da logística era um dos pontos que o cooperativismo iria reverter com o passar do tempo, mudando o paradigma comercial dos imigrantes e lhes oferecendo a chance de prosperar.

Mas a logística dificultosa não foi o único obstáculo com que Amstad se deparou. Existiam mais desafios. “Ao lado dessas dificuldades locais e topográficas, ainda havia outras coisas problemáticas como, por exemplo, a própria espécie de gente que constituía a população dos colonos naquela região. Moravam estes geralmente dispersos, e não raras vezes tive de vencer duas a três horas para conseguir visitar apenas uma dúzia de católicos”, Amstad escreveu em seu caderno, talvez já montado na mula Diana, que aos poucos passava a ser sua companheira de viagem.

Decidido a auxiliar os colonos, Amstad deixou de lado o que na época era interpretado como promiscuidade religiosa e étnica. Na sua forma inovadora de atuação, ele começou a organizar as comunidades da região da imigração sem se preocupar com as diferenças entre as crenças das pessoas. O seu propósito transcendia a religiosidade. Ele queria dar às populações uma consciência que lhes proporcionasse mais autonomia de vida, de negócios, de atuações espiritual e profissional. Para isso, procurou reunir católicos, luteranos, teutos, alemães, italianos e lusos. Mostrou-lhes que era necessária a ajuda mútua.



Comunidades da região de Nova Petrópolis da época.



UM MODO DE AGIR QUE DEU ORIGEM À COOPERATIVA PIONEIRA

Era inevitável: Amstad tinha um modo de agir que, sem demora, desencadearia a fundação da Cooperativa Pioneira. O seu jeito de trabalhar — ou forma de pastoreio — caracterizava-se pela contínua tentativa de se aproximar dos moradores, não importando a distância. E Amstad fazia isso a partir de três princípios norteadores.

- 1) *O pastor precisa ir ao encontro do seu rebanho e conhecê-lo bem.*
- 2) *Se puder fazer algo hoje, não deixe isso para o dia de amanhã.*
- 3) *A ordem, a organização, constitui metade do trabalho.*

Ele não teria conseguido iniciar um projeto de cooperativismo se não tivesse se movimentado e reunido informações sobre as carências dos imigrantes. Tal atitude aparece nos seus escritos autobiográficos. “Eu começava a fazer visitas às famílias. Quando as casas residenciais se achavam junto ao caminho, trilhado por mim na ida ou no prosseguimento da viagem para a seguinte capela, era esse o ensejo de eu visitar a esta ou aquela família. Passados assim, se muito, dois anos, já havia visitado como que todas as famílias.”

As viagens que Amstad fez no lombo da mula Diana serviram também para que ele elaborasse um mapa da antiga região colonial alemã, que abrangia os municípios de São Leopoldo, Taquara, São Sebastião do Caí e Montenegro. O objetivo era facilitar a medição de terras e lotes. “Foi por causa dos meus conhecimentos geográficos que a gente do campo gaúcho-brasileiro me chamava de ‘o padre que viaja de acordo com o mapa’. E, devido a meu costume de visitar as famílias das comunidades, entre os colonos eu passava pela alcunha de o padre comunitário”, escreveu Amstad.

Padre comunitário que seguiu firme na expansão dos seus mapeamentos. Ele repetiu essa prática de cartografar territórios em outras regiões do RS, completando seu atlas pessoal com mapas do norte e noroeste do estado: Ijuí, Santo Ângelo, Santa Rosa, São Luís, Cruz Alta, Passo Fundo, Erechim e Palmeira das Missões. Uma faceta de geógrafo em adição às suas facetas de jesuíta e de “consultor financeiro” dos imigrantes. Era como se Amstad fosse três pessoas distintas ao mesmo tempo. Três forças singulares que se complementavam.



Construção da Igreja São Lourenço, da Linha Imperial (fotos 1 e 2).

Igreja Paroquial onde Amstad rezou muitas missas e hoje está seu túmulo, na Linha Imperial (foto 3).

desencadeamento de ações, levando 400 pessoas a se inscreverem imediatamente na Associação dos Agricultores Riograndenses (chamada de Bauerverein).

Nos primeiros anos da associação, houve ajustes contínuos, até porque essa iniciativa era algo inédito em Nova Petrópolis. Amstad observava de perto os avanços e seguia criando metáforas que impelissent os associados a atitudes participativas. Nem sempre as metáforas de Amstad eram suficientes, pois, com o tempo, surgiram novos desafios administrativos, que acarretaram ajustes na associação. Havia ainda o desafio de propagar mais a ideia cooperativista, já que muitas pessoas continuavam a insistir em fazer e adquirir empréstimos informais, uma situação que sempre corria o risco de criar mal-estar.

LEVANTANDO UMA CARGA PESADA

Dois anos após a origem da associação proposta por Amstad, algo novo aconteceu. Era 28 de dezembro de 1902, o último domingo daquele ano e, ao mesmo tempo, o primeiro domingo daquilo que mais tarde se tornaria a Sicredi Pioneira. Na localidade de Linha Imperial, em Nova Petrópolis, dentro do Salão Nicolaus Kehl, vinte homens se reuniram e formaram uma assembleia constituinte. Amstad fazia parte deste grupo de vinte fundadores — fazia parte e era o principal articulador das ideias e ações. Foram necessárias algumas tentativas até que isso acontecesse.

Desde outubro daquele ano, a comunidade se reunia nessa tentativa, mas algo sempre acontecia para que a ata não fosse assinada. Em uma ocasião, representantes de alguns distritos não apareceram em Nova Petrópolis, prejudicando a votação; em outra, uma tempestade tão forte impediu que a assembleia prosseguisse (chegou a derrubar o pavilhão); outra noite, uma morte na comunidade exigiu que o padre se retirasse do salão para confortar a família.

Enquanto alguns viam isso como um sinal para que a cooperativa não fosse oficializada, outros defendiam o contrário: que tudo o que estava se apresentando era para testar a força dos participantes. Lembraram-se da pedra no caminho. Em 28 de dezembro, nada de negativo aconteceu para impedir a assembleia: clima bom, pessoas



Salão Nicolaus Kehl, local em que foi realizada a assembleia de fundação da Caixa, em 1902, e onde funcionava uma cervejaria.

presentes e animadas. A cooperativa estava finalmente fundada. O estatuto é lido, discutido e aprovado por unanimidade.

Essa instituição, mesmo que seus fundadores, naquele momento, não tivessem essa noção, ficou marcada na História como a primeira cooperativa de crédito na América Latina, precursora do Sistema Sicredi. O nome? Caixa de Economias e Empréstimos Amstad. Vinte homens que decidiram trabalhar sem nenhum tipo de remuneração, conforme o modelo Raiffeisen, cujas diretrizes apontavam que as cooperativas rurais deveriam operar a partir de lideranças voluntárias — pessoas da comunidade que se propusessem a dar vida ao projeto.

Os 20 fundadores eram líderes comunitários e exerciam profissões distintas na comunidade: havia médico, moleiro, agricultor, marceneiro, serralheiro, professor e até mestre cervejeiro. Profissões de base para a construção de uma comunidade em crescimento.

É importante listar os nomes das vinte pessoas fundadoras da Caixa Amstad, já que a visão e o feito delas perduram até os dias de hoje:

<i>Albert Drechsler</i>	<i>Franz Oppitz</i>	<i>Josef Hillebrand</i>
<i>Alfred Steglich</i>	<i>Franz Raimann</i>	<i>Josef Neumann Filho</i>
<i>August Stahl</i>	<i>Friederich Stoffels</i>	<i>Josef Opptiz</i>
<i>Anton John</i>	<i>Hermann Kaiser</i>	<i>Nikolaus Kehl</i>
<i>Anton Maria Feix</i>	<i>Jakob Krug</i>	<i>Nikolaus Stahl</i>
<i>Carl Bratz</i>	<i>Johann Brunner</i>	<i>Theodor Amstad</i>
<i>Franz Hillebrand</i>	<i>Johann Grings</i>	

Os fundadores interpretavam que as cooperativas de crédito deveriam ser financiadoras de projetos urgentes. Afinal, havia nas regiões coloniais empreendimentos que necessitavam de um auxílio financeiro inicial, para que pudessem ganhar vida própria.



Primeira página do Estatuto da Caixa Rural.

Então, sem demora, aqueles que possuíam recursos extras começaram a fazer depósitos, possibilitando assim que os pequenos agricultores tivessem a chance de ir em frente com seus cultivos.

Calcula-se que, ao longo do primeiro ano da Caixa de Poupança e Empréstimos Amstad, tenham sido depositados 5,7 contos de réis (cerca de R\$ 230 mil), sendo que, desse valor, 4,5 contos de réis (R\$ 180 mil) foram direcionados para empréstimos. A metáfora da pedra, elaborada por Amstad, começa a fazer sentido. “A reflexão tem de ser acompanhada pela ação. Um sem o outro nada resolve. E quando se trata de resolver um problema muito sério, não basta

que se lute isoladamente. Não basta que um só indivíduo ponha mãos à obra. Será a tarefa de muitos em regime de cooperação. Assim, se quiserem mover uma grande pedra e estiverem presentes vinte homens, e cada um isoladamente tentar removê-la, nada se conseguirá. Se, porém, os vinte homens agarrarem em conjunto, obedecendo a um só comando, fizerem força ao mesmo tempo, levantarão com facilidade a pesada carga.”

A EXPANSÃO

Um mês e meio após sua fundação, contando já com 35 associados, a Caixa Amstad foi regularizada — a regularização ocorreu devido à necessidade de uma legislação para as cooperativas. Vale a pena uma referência ao fato de que o primeiro depósito foi feito pelo próprio Padre Amstad, favorecendo a comunidade católica da localidade de Faria Lemos (seguindo o exemplo, outros empréstimos começaram a ser feitos).



Primeiro gerente da Cooperativa Pioneira, José Neumann, trabalhando em sua casa.

Protokoll

von der im öffentlichen Auftrage der Regierung
ausgeführten Amstader Anstalt, abgehalten
bei Thierbachs Resta. Linde, Jungmann
am 28. Dezember 1902.

Amstader Anstalt von der 19. Anstalt vereinigt
Mitglieder, welche die Gründung der Anstalt
durchzuführen, Amstader Anstalt, abgehalten
der vereinigten Anstalt mit der Anstalt
Abwicklungsvereinigung, die die Anstalt
als gesetzlich anerkannter Anstalt
Anton Maria Feix von der Anstalt
nicht abgelehnt. Frau Alfred Steglich
die Anstalt der Anstalt zu befragen. Anstalt
nicht abgelehnt, soll die Anstalt
zu funktionieren beginnen. Anstalt
den Anstalt der Anstalt. Anstalt
Anstalt der Anstalt. Anstalt
Anstalt der Anstalt. Anstalt
Anstalt der Anstalt. Anstalt
Anstalt der Anstalt. Anstalt

Präsident: Alfred Steglich
1. August Stahl, 2. Hermann Kaiser, 3. Jakob
Krug, 4. Franz Raimann, 5. Nikolaus Stahl, 6. Anton
Maria Feix, 7. Josef Oppitz, 8. Nikolaus Kehl,
9. Josef Hillebrand, 10. Franz Hillebrand, 11. Anton
John, 12. Carl Bratz, 13. Josef Neumann
14. Johann Brunner, 15. Franz Oppitz, 16. Albert
Drechsler, 17. Friedrich Stoffels, 18. Johann Grings
Der Präsident: Anton M. Feix, P. Theo. Amstad
Revisor: Alfred Steglich, Fr. Hillebrand
Josef Neumann

Ata de Fundação da Caixa de Poupança e Empréstimos Amstad.

Da assembleia constituinte da Associação de Poupança e Empréstimo Nova Petrópolis, realizada na casa de Nikolaus Kehl, Linha Imperial, no dia 28 de dezembro de 1902.

Com a presença dos 19 associados abaixo assinados que tomaram a decisão definitiva da fundação da Caixa de Poupança e Empréstimo "Amstad" e aprovaram a proposta de estatuto com pequenas alterações irrelevantes. Pela dedicada e competente elaboração dos estatutos, a assembleia expressou sua calorosa gratidão ao senhor Anton Maria Feix. O senhor Alfred Steglich assumiu o compromisso de providenciar o registro legal da associação. Tão logo isto terá acontecido, a Caixa de Poupança e Empréstimo deverá iniciar as suas atividades. A parcela das cotas de capital devem ser pagas até 15 de janeiro do próximo ano. Como tesoureiro provisório foi empregado o senhor Josef Neumann Sênior, que foi encarregado de fazer as aquisições necessárias para o cargo.

Nomes dos associados presentes: 1. Alfred Steglich 2. August Stahl 3. Herman Kaiser 4. Jakob Krug 5. Franz Raimann 6. Nikolaus Stahl 7. Anton Maria Feix 8. Josef Oppitz 9. Nikolaus Kehl 10. Josef Hillebrand 11. Franz Hillebrand 12. Anton John 13. Carl Bratz 14. Josef Neumann Filho 15. Johann Brunner 16. Franz Oppitz 17. Albert Drechsler 18. Friederich Stoffels 19. Johann Grings

Der Präsident Anton M. Feix, P. Theo. Amstad

Revisor Alfredo Steglich, Fr. Hillebrand José Neumann

Tradução

Um dos primeiros empréstimos foi concedido para a Paróquia Evangélica, para a construção da igreja que foi inaugurada no centro de Nova Petrópolis, em 1904. As falas de Amstad em criar uma cooperativa que juntasse diferentes religiões não eram apenas discurso e logo no primeiro ano isso já ficou claro. O primeiro presidente, inclusive, era luterano.

À época, no início de 1903, Nova Petrópolis contava com uma população de 1.700 pessoas, distribuídas em 215 famílias. O berço do cooperativismo de crédito brasileiro ainda não figurava nos mapas econômicos do país, mas em breve a sua importância seria reconhecida, com o aumento gradual das atividades da Caixa de Poupança e Empréstimos Amstad.

É importante a lembrança de que, naqueles dias, não havia muitas instituições bancárias no RS. E Porto Alegre acabava abrigando a maioria das que já existiam, graças à sua população mais numerosa. O problema era que as regiões coloniais do Vale dos Sinos, do Caí e do Taquari não possuíam serviços bancários — ali, as atividades comerciais aconteciam por meio de vales (que substituíam o dinheiro e as moedas), uma prática informal que, eventualmente, abria brechas a desonestidades.

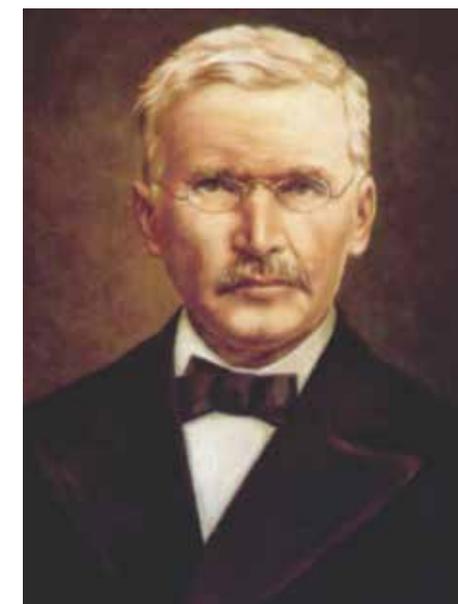
Em 1904, a Caixa Amstad viveu uma expansão importante, começando a fazer aplicações fixas em bancos de Porto Alegre, visto que a demanda por empréstimos na região de Nova Petrópolis era menor do que os depósitos efetuados. Isso significava que o processo estava funcionando de modo correto. E significava também que haveria uma reserva significativa de dinheiro, caso problemas viessem a ocorrer.

A Caixa Amstad, que representava um novo paradigma econômico na região de Nova Petrópolis, começou a chamar a atenção de comunidades e regiões vizinhas. A consequência disso foi que, aos poucos, com a supervisão da Associação dos Agricultores e do próprio Amstad, cooperativas de crédito foram criadas em Bom Princípio (então distrito de Montenegro), em Santa Cruz do Sul, em Lajeado e em Teewald (Santa Maria do Herval, que fazia parte de São Leopoldo). Foi assim que as estruturas cooperativas iniciaram sua propagação pelo estado.

AJUSTES INTERNOS

Durante os três primeiros anos, os integrantes da diretoria da Caixa Amstad não receberam remuneração — o foco estava em viabilizar economicamente a cooperativa. Segundo o modelo Raiffeisen, que vigorava na cooperativa de Nova Petrópolis, o cuidado principal deveria estar direcionado para a sobrevivência dos pequenos produtores rurais. À medida que essa sobrevivência estivesse garantida, era permitido que se começasse a pensar em lucros e prosperidades.

Em 1905, para recompensar o esforço e o tempo do tesoureiro, sua remuneração foi instituída: 10% sobre o lucro líquido. Alguns anos mais tarde, em 1914, devido ao envolvimento crescente da diretoria, seus membros passariam a dividir 25% dos lucros líquidos, levando em conta as despesas com viagens e hospedagem, além do tempo despendido no trabalho. Apesar de a legislação e o estatuto do sistema Raiffeisen preconizarem o trabalho gratuito da diretoria, essa adaptação foi necessária — mas é crucial a recordação de que, mesmo com o crescimento da cooperativa e a sua profissionalização, ela continuaria a ser uma causa, e não um negócio.



*Friedrich Wilhelm Raiffeisen,
que inspirou o modelo
seguido pela Caixa Rural*

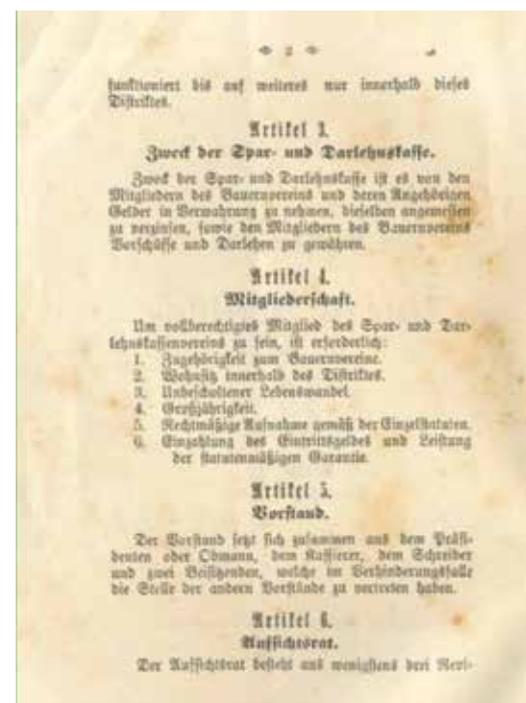
Gradualmente, outros ajustes internos precisaram ser providenciados, adaptações referentes a questões legais e contábeis. Cada vez mais, auditorias eram realizadas pelos associados, que se sentiam compelidos a manter o bom nível da cooperativa — nível que só poderia ser preservado por meio de autocríticas e atualizações, sempre visando acompanhar as tendências da esfera econômica tanto do estado quanto do resto do país. Era dessa maneira que a futura Sicredi Pioneira estava iniciando a construção da sua identidade.

Identidade que se multiplicou, já que a precursora cooperativa de Amstad passou a abrigar algumas filiais localizadas em cidades vizinhas a Nova Petrópolis. A ideia se amplificava. E por isso a cooperativa se pôs a buscar meios de regular e normatizar as suas relações com as filiais — uma dessas normatizações tinha a ver com a estipulação de limites territoriais para a ação das cooperativas de crédito.

O ano de 1908 chegou e a cooperativa continuava a se adequar às legislações, sempre com o intuito de se manter legalizada perante a exigência dos órgãos competentes. Foi assim que ela tomou certas atitudes, como posicionar-se em relação à Associação dos Agricultores, financiar obras comunitárias e disponibilizar empréstimos para instituições e cidadãos de fora da região de Nova Petrópolis. Curiosamente, foi nesse ano que Amstad participou pela última vez de uma auditoria na cooperativa de Nova Petrópolis, e pela primeira vez (constando em ata) foi intitulado como “pai da associação”. Amstad foi extremamente importante na sua fundação, mas é importante ressaltar que muitos deram continuidade a ela.



Em 10 de janeiro de 1904, realizou-se a primeira Assembléia Geral Ordinária. Foram discutidas e aprovadas propostas que orientaram o funcionamento da instituição.



Estatuto da Caixa Econômica e Caixa de Empréstimos

Artigo 1.

Nome da Associação

A Caixa levará o nome de “Caixa Econômica e Caixa de Empréstimo” da Associação de Agricultores do Rio Grande do Sul de.....

Artigo 2.

Sede da Caixa Econômica e Caixa de Empréstimos

A Instituição tem a sua sede no distrito de..... e funciona apenas dentro desse distrito.

Artigo 3.

Finalidade da Caixa Econômica e Caixa de Empréstimos

A finalidade da Caixa Econômica e Caixa de Empréstimos é guardar dinheiro dos membros da Associação de Agricultores, render juros adequadamente, assim como conceder empréstimos aos seus Associados.

Artigo 4.

Qualidade do Associado

Para ser associados legítimo da Caixa Econômica e Caixa de Empréstimo é necessário:

- 1. Filiação à Associação de Agricultores.*
- 2. Domicílio dentro do distrito.*
- 3. Estilo de vida íntegro.*
- 4. Maioridade.*
- 5. Registro legal conforme o próprio estatuto.*
- 6. Pagamento da adesão e do desempenho garantia.*

Artigo 5.

Direção

A direção será composta por um presidente ou um representante, um tesoureiro, um secretário e dois juizes adjuntos, os quais, em situação de impedimento dos diretores devem substituí-los.

Artigo 6.

Conselho Fiscal

O conselho administrativo consiste de pelo menos três auditores.

*O mundo
já não é
o mesmo*

Capítulo 3

O MUNDO JÁ NÃO É O MESMO

O SUCESSO E O DESENVOLVIMENTO
SÓ VÊM COM A ELEVAÇÃO CULTURAL.

Theodor Amstad

DESNORTEAMENTO

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) desnor-teou o mundo, que de repente, se viu preso a uma armadilha devastadora. Essa armadilha trouxe consequências inclusive para a cooperativa. Muitas perguntas estavam no ar. Muitas ansiedades também. A começar pelo receio de persistir no uso do alemão como idioma oficial da cooperativa, pois a língua alemã, em função da guerra, tinha passado a ser vista com desconfiança no mundo.

No dia 18 de novembro de 1917, a diretoria resolveu fazer uma reunião urgente na casa do tesoureiro, encontro que provavelmente aconteceu à noite e em voz baixa, para não chamar a atenção do resto da comunidade. Toda essa precaução era necessária, uma vez que o clima mundial de medo e incerteza estava modificando o comportamento das nações, que de repente se perceberam à mercê dos desdobramentos políticos acarretados pela Grande Guerra.

Assim como a mudança do nome da cooperativa, que passou a se chamar Caixa Auxiliar do Sindicato Agrícola de Nova Petrópolis, a substituição da língua alemã pela portuguesa se confirmou como uma mudança estratégica (e inadiável) durante a metade do conflito mundial. Alteração que ficou registrada na Ata daquela reunião/sessão extraordinária: “[...] servir-se d’ora em diante da língua vernácula na escrituração, lançamento de atas e correspondência deste sindicato”. Decisão acertada, já que era preciso se resguardar.

Outras precauções surgiram, como a suspensão temporária dos depósitos no Banco Brasileiro. Vale a pena também a referência a uma resolução que havia sido efetuada em antecipação, ainda na véspera da Primeira Guerra Mundial. Naqueles dias pré-guerra, a Cooperativa de Nova Petrópolis, talvez já captando os sinais de um iminente conflito mundial, chegou ao consenso de que era necessário abrir uma conta em São Sebastião do Caí, com uma justificativa (meio disfarçada) que consta na Ata de 5 de julho de 1914: “[...] para que a administração da caixa possa aplicar com maior rapidez os valores recebidos, mas especialmente para poder dispor das quantias exigíveis para pagamentos, com maior presteza”.

TALVEZ A PRINCIPAL ADVERSIDADE EM NOVA PETRÓPOLIS TENHA SIDO A PROIBIÇÃO PROVISÓRIA DO IDIOMA ALEMÃO, AFETANDO, POR EXEMPLO, AS PESSOAS QUE COSTUMAVAM FREQUENTAR CULTOS RELIGIOSOS: O PASTOR FOI OBRIGADO A SE AUSENTAR E AS CELEBRAÇÕES FORAM SUSPENSAS.

O mundo estava se adaptando às consequências da guerra. E a cooperativa não escapou à regra. Olhando agora para aqueles anos, talvez a principal adversidade em Nova Petrópolis tenha sido mesmo a proibição provisória do idioma alemão, afetando, por exemplo, as pessoas que costumavam frequentar cultos religiosos: o pastor foi obrigado a se ausentar e as celebrações foram suspensas. Essa supressão das manifestações religiosas atingiu de modo profundo a comunidade, que tinha na religiosidade um dos seus principais aspectos identitários.

Mas esse período de provações seria superado nos anos seguintes, com o fim da Primeira Guerra Mundial e a reorganização paulatina do mundo — ou seja, a História em sua eterna alternância de momentos brutais e serenos. Dentro dessa lógica inalterável do tempo, outras épocas difíceis se apresentariam para a cooperativa de Nova Petrópolis. Outros tipos de problema. Outros desafios.

TURBULÊNCIAS

Em 1922, ano em que a cooperativa completou vinte anos de existência, ela alterou mais uma vez o seu próprio nome. Complementou-o. A Caixa Auxiliar do Sindicato Agrícola de Nova Petrópolis passou a se chamar Caixa Auxiliar do Sistema Raiffeisen de Nova Petrópolis. A inserção do nome Raiffeisen se tornou inevitável, uma vez que esse sistema havia sido incorporado ainda no ano inicial da cooperativa.

O ato de renomeação acarretou um ato de refundação. E para o novo nome foram transportados “todos os haveres e deveres, fundos de reserva e garantia e mobílias”, como consta na Ata da assembleia geral. Na realidade, a mudança de nome ocorreu devido a uma

multa proveniente do delegado regional de fiscalização dos bancos e coletor das rendas federais. Segundo a fiscalização, a cooperativa havia atuado como banco entre 1921 e 1922, o que justificaria a cobrança das respectivas taxas.

A inesperada turbulência aconteceu em razão do surgimento da lei nº 14.728, de 16 de março de 1921, que instituiu a fiscalização dos bancos e interpretou (apressadamente) que as cooperativas de crédito possuíam a mesma natureza dos bancos comerciais. Esse movimento fiscalizatório estava incorporado a um conjunto de resoluções que recebeu o nome de Reforma Bancária de 1921, uma reforma coordenada pelo Banco do Brasil.

O problema foi que essa reforma não levou em consideração a lei nº 1.637, que existia desde 1907 e que autorizava a criação de cooperativas de crédito, reconhecendo as suas particularidades. Então várias lideranças políticas e cooperativistas organizaram uma resistência contestatória em defesa do cooperativismo. Os integrantes da Cooperativa Pioneira se integraram a essa resistência, pois compreendiam que deveria haver uma distinção entre as fiscalizações de bancos e de caixas rurais.

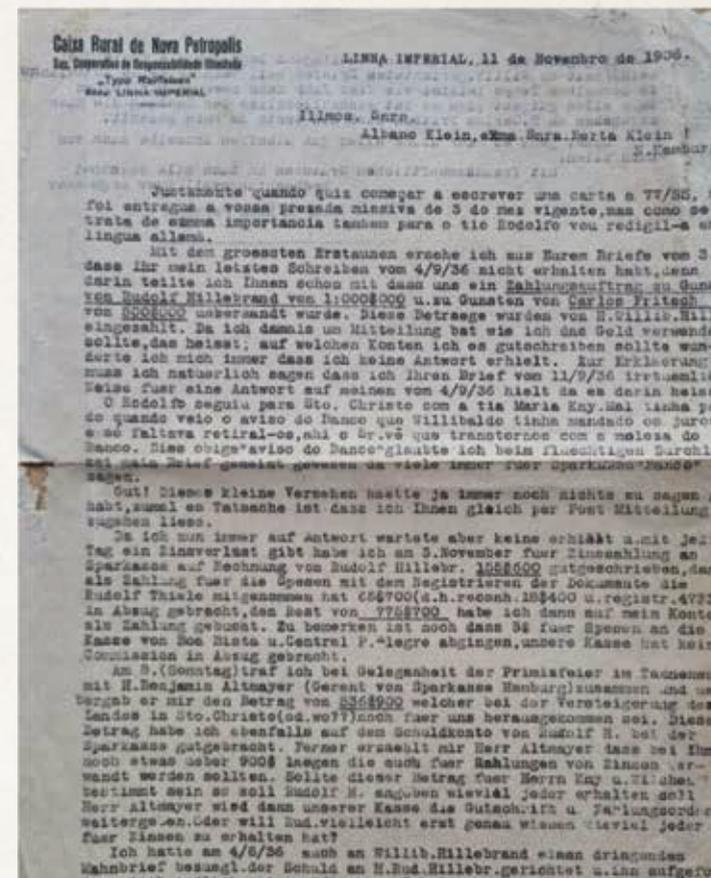
Embora a cooperativa tenha legalmente recuperado o dinheiro da multa e também regulado a sua situação perante o órgão fiscalizador, houve mais turbulências nos anos seguintes, turbulências de outra ordem. Por exemplo, os falecimentos do tesoureiro, José Neumann Filho, em 1928, e do presidente, Anton Maria Feix, em 1929 — mortes que acarretaram tristeza e incertezas. Essas perdas, junto com os obstáculos jurídicos experimentados alguns anos antes, fizeram com que a Caixa Auxiliar do Sistema Raiffeisen de Nova Petrópolis simbolicamente encerrasse um ciclo.

Encerrasse um ciclo e se reinventasse, adaptando-se aos novos tempos: duas mudanças significativas estavam em curso.

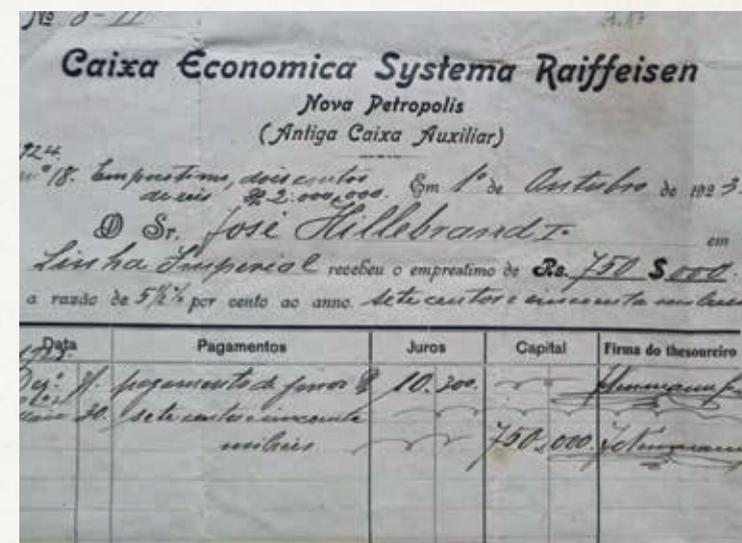
1) A filiação, em 1930, à Central das Caixas Rurais da União Popular (que foi fundada cinco anos antes), com o objetivo de ter um acompanhamento técnico e jurídico, além de iniciar uma soma de esforços ao lado de outras cooperativas.

2) A incorporação de um novo nome, Cooperativa de Crédito Caixa Rural de Nova Petrópolis, nome que se conservaria pelos 40 anos seguintes.

Carta dos anos 30 que transitava entre o português e o alemão.



Recibo de empréstimo de 1923.



AMSTAD SE DESPEDE

Em 1919, após muitos anos e incontáveis quilômetros vencidos no lombo da mula Diana, Amstad sofreu uma queda, fato que o obrigou a usar uma cadeira de rodas. Logo em seguida, em função do ocorrido, ele decidiu se transferir para uma casa jesuíta de São Leopoldo. A mudança de endereço e as limitações físicas, porém, não interferiram na sua vontade de continuar acompanhando à distância as cooperativas que ele havia ajudado a criar. Durante esse período, Amstad também começou a escrever a sua autobiografia.

O precursor do cooperativismo de crédito na América Latina faleceu em 7 de novembro de 1938. Estava em São Leopoldo, na chácara dos padres jesuítas, prestes a completar 87 anos — faltavam apenas dois dias. “Causou dolorosa impressão na zona colonial e principalmente nesta paróquia a notícia do falecimento do P. Amstad S.J., primeiro Cura de São Lourenço de Nova Petrópolis e fundador da nossa Caixa Rural”, escreveu o pároco da paróquia de São Lourenço.



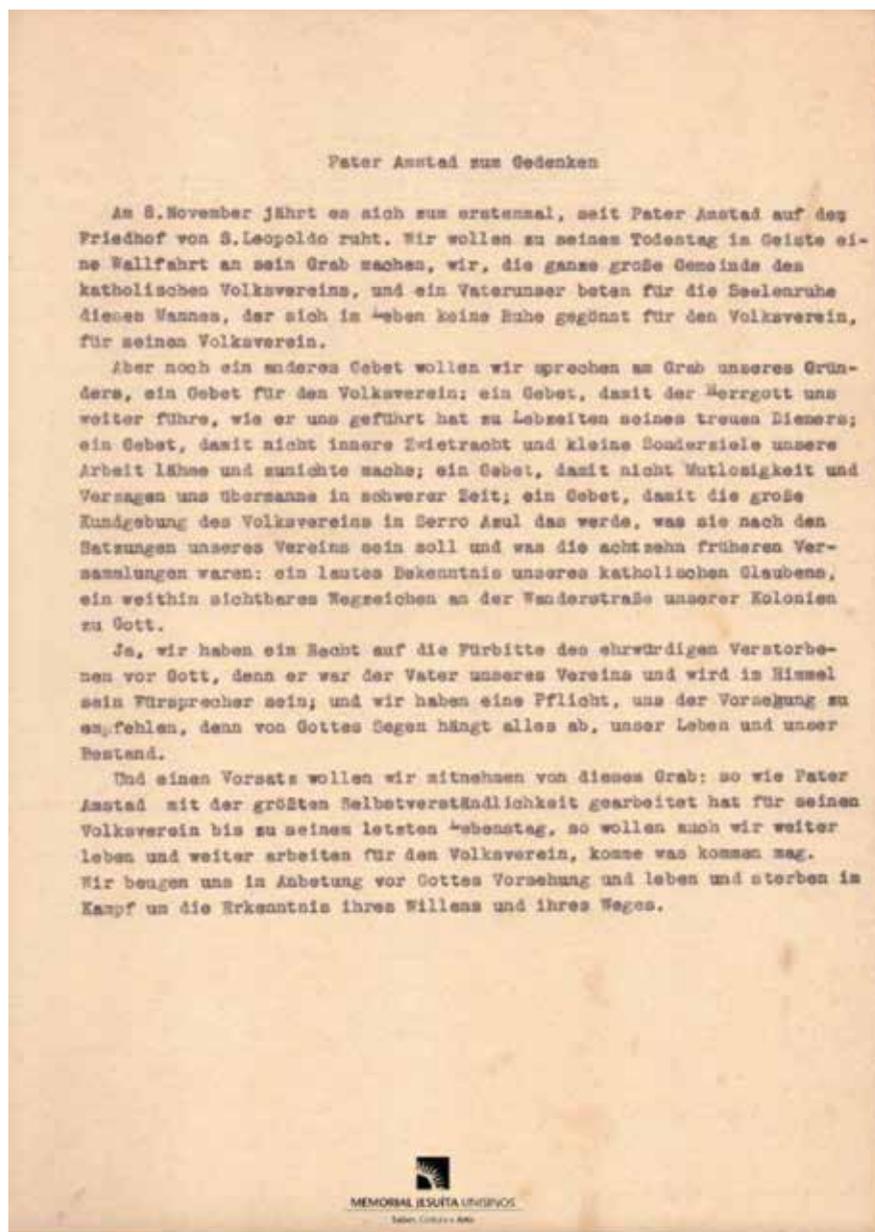
Amstad em seus últimos anos de vida.

Chegava ao fim a impressionante travessia de Amstad pelas comunidades e regiões coloniais do Rio Grande do Sul — travessia que, no seu início, foi determinante para que ele conhecesse a realidade dos imigrantes alemães e, assim, sentisse a necessidade de fundar uma cooperativa de crédito. Estima-se que ele tenha percorrido, dentro do estado, 160 mil quilômetros (equivalendo a quatro voltas ao redor do globo), muitos dos quais vencidos com a parceria da mula Diana, sua companheira de desbravamentos. Ficou conhecido por isso também como “pai dos colonos”.

O PRECURSOR DO COOPERATIVISMO DE CRÉDITO NA AMÉRICA LATINA FALECEU EM 7 DE NOVEMBRO DE 1938. ESTAVA EM SÃO LEOPOLDO, NA CHÁCARA DOS PADRES JESUÍTAS, PRESTES A COMPLETAR 87 ANOS.

Em seus escritos autobiográficos, Amstad deixou registrado o esforço que fazia para cumprir o seu papel de jesuíta e, ao mesmo tempo, o seu papel de precursor do cooperativismo. “Todos os anos vinham juntar-se a tudo isso os 5.000 km de estrada a serem vencidos por mim no lombo [da mula Diana]. Contando a média de 7 km por hora de cavalgar em caminhos ruins e escarpados, importava isso em nada menos que 700 horas anuais passadas por mim na sela [da mula].”

Três anos após o seu falecimento, em uma das assembleias da Cooperativa Pioneira, os integrantes decidiram construir um monumento em homenagem a Amstad — afinal, ele havia sido o responsável pela criação da lógica cooperativista na América Latina. Consta em Ata a decisão de “erguer um monumento digno ao falecido Padre Jesuíta Theodor Amstad, na Praça da Linha Imperial, para venerar desta maneira ao D. D. fundador desta Caixa, como de muitas outras Caixas Rurais do estado”. O monumento foi elaborado em bronze e granito pelo escultor André Arjonas, e custou Cr\$ 41.000, valor que foi dividido entre cooperativas afiliadas à Central das Caixas Rurais, o Banco Popular de Lajeado e o Banco Agrícola Mercantil.



*Carta em homenagem ao aniversário do
1º ano da morte do Padre Amstad, 1939.
(Acervo do Memorial Jesuita)*

Em memória do Padre Amstad

O dia 8 de novembro será o primeiro aniversário do enterro do Padre Amstad no cemitério de S. Leopoldo. Queremos fazer uma peregrinação espiritual ao seu túmulo no dia da sua morte, nós, toda a grande congregação da comunidade do povo católico. Um Pai Nosso rezamos pela paz de espírito deste homem que não se permitiu descansar em vida pela comunidade, pela sua comunidade.

Mas queremos fazer outra oração no túmulo do nosso fundador, uma oração pela comunidade: uma oração para que o Senhor Deus nos conduza como nos conduziu durante a vida de seu fiel servo; uma oração para que a discórdia interior e os pequenos objetivos egoístas não paralitem e destruam nosso trabalho; uma oração para que o não desânimo e a manifestação da associação popular em Serro Azul se tornem o que deveriam ser segundo os estatutos da nossa comunidade, assim como foram as dezoito assembleias anteriores: uma clara confissão da nossa fé católica, um sinal amplamente visível no caminho das nossas colônias em direção à Deus.

Sim, temos direito à intercessão do venerável falecido diante de Deus, pois ele foi o pai de nossa comunidade e será seu advogado no céu; e temos o dever de nos recomendar à Providência, pois tudo depende da bênção de Deus, nossa vida e nossa existência.

E queremos levar conosco uma mensagem deste túmulo: assim como o padre Amstad trabalhou com a maior naturalidade por sua comunidade até o último dia de sua vida, também queremos continuar a viver e a trabalhar para a comunidade, venha o que vier. Nós nos curvamos à providência de Deus em adoração e vivemos e morremos lutando pelo conhecimento de sua vontade e seu caminho.

Tradução da carta



1942

*Inauguração do Monumento ao
Padre Amstad,
em Linha Imperial.*

Monumento em nossos dias.



É IMPRESCINDÍVEL NOS LEMBRARMOS DAS 37 COOPERATIVAS ORGANIZADAS POR AMSTAD:

Nova Petrópolis (1902), atual Sicredi Pioneira RS;

Bom Princípio (1903);

Santa Cruz (1904);

Lajeado (1906), atual Sicredi Integração RS/MG;

São José do Herval (1907),

Serro Azul (1913), atual Sicredi União RS/ES;

Poço das Antas (1914),

Santa Maria (1914), atual Sicredi Região Centro RS/MG;

Colônia Selbach (1916);

Harmonia (1916);

Porto Alegre (1916);

Picada Café (1917),

Santa Cruz (1919), atual Sicredi Vale do Rio Pardo RS;

Novo Hamburgo (1920);

Boa Vista (1923);

Rolante (1923), atual Sicredi Caminho das Águas RS;

Taquara (1924);

Arroio do Meio (1924);

Três Arroios (1925);

Rocca Salles (1925);

Serra do Cadeado (1925), atual Sicredi das Culturas RS/MG;

Sobradinho (1925);

Santo Ângelo (1925);

Estrela (1926);

Alto da Feliz (1927);

Agudo (1927), atual Sicredi Centro Serra RS;

Arroio Grande (1929);

Parecy Novo (1929);

Bela Vista (1929);

Tamandaré (1929);

Thesoura (1930);

Santa Clara (1930);

General Osório (1930);

Lomba Grande (1931);

Dois Irmãos (1932);

Porto Novo (1932), atual Sicoob Creditapiranga em SC;

Campina (1940, concluída após a morte de Amstad).

Além de ter sido o fundador da cooperativa que hoje se chama Sicredi Pioneira e de ter organizado outras cooperativas no estado, Theodor Amstad foi um jesuíta que também realizou inúmeros feitos religiosos e sociais. Foi vigário-cooperador de São Sebastião do Caí, São José do Hortêncio e Lajeado. Foi primeiro-vigário da paróquia de Nova Petrópolis. Redigiu o jornal O Amigo dos Colonos e a revista Sankt Paulusblatt. Fundou a Sociedade União Popular (Volksverein), que depois tornou-se Associação Theodor Amstad, que resolvia problemas sociais. Fundou ainda sindicatos agrícolas, hospitais, asilos, escolas, paróquias e novas colônias, como, por exemplo, as de Cerro Largo e Santo Cristo.

Theodor Amstad é hoje lembrado não só como o Patrono do Cooperativismo Brasileiro mas também como um ser humano diferenciado — alguém que não mediu esforços para melhorar a vida dos imigrantes alemães e de pessoas de outras etnias. Sua atuação no RS teve como objetivo transformar o estado em um lugar que possuísse mais prosperidade econômica, religiosa e sociocultural. Ele se tornou o símbolo da união de forças, o organizador de um modo coletivo de trabalhar e de viver em sociedade. Por tudo isso, por todas as coisas que ele se propôs a fazer e realizou, dá para dizer que Amstad foi, é e sempre será o espírito da Cooperativa Pioneira.

OUTROS TIPOS DE OBSTÁCULO

Depois da Crise de 1929 (conhecida como Grande Depressão, talvez a maior crise já experimentada pelo capitalismo financeiro mundial, com reflexos devastadores que, em certos locais, perduraram por décadas), a cooperativa sofreu uma desaceleração em seu crescimento — pelo menos até 1935. Mas, no geral, suportou bem os problemas que surgiram a partir das novas conjunturas econômicas. E uma das razões para a superação desse período crítico estava no seu fundo de reserva, que, por força da sua mentalidade responsável, jamais havia caído na tentação de se jogar em negócios arriscados.

Então é seguro dizer que, entre o início da Crise de 1929 e o ano de 1945 (ano em que a Grande Depressão estava sendo superada, coincidindo com o fim da Segunda Guerra Mundial), a cooperativa de Nova Petrópolis conseguiu se manter em equilíbrio.

**THEODOR AMSTAD
É HOJE LEMBRADO NÃO SÓ
COMO O PATRONO DO
COOPERATIVISMO BRASILEIRO
MAS TAMBÉM COMO UM SER
HUMANO DIFERENCIADO,
ALGUÉM QUE NÃO MEDIU
ESFORÇOS PARA MELHORAR
A VIDA DOS IMIGRANTES
ALEMÃES E DE PESSOAS
DE OUTRAS ETNIAS.**

Certamente houve incertezas e oscilações, mas nada que chegasse a ameaçá-la. Até porque os seus associados eram fiéis, e também porque não existiam problemas na gestão da cooperativa. As pessoas que faziam parte dela haviam se preparado e possuíam uma disposição que as mantinha atualizadas.

Se por um lado as instabilidades causadas pela Crise de 1929 foram superadas de modo equilibrado pela Cooperativa Pioneira, por outro lado, durante os anos finais do mesmo período, o Estado Novo da era Vargas e a repressão no

Brasil constituíam problemas de outra natureza. Havia uma desconfiança em relação a tudo o que estivesse vinculado à Alemanha devido aos atos cruéis do partido nazista.

O intervencionismo do governo brasileiro passou a ocorrer com regularidade dentro das cooperativas, tirando-lhes autonomia, tirando-lhes inclusive a língua alemã — mesma proibição que se desenrolara durante a Primeira Guerra Mundial. Na região de Nova Petrópolis, essa repressão descabida se espalhava com mais força, já que a imigração alemã predominava em toda a comunidade. Escolas foram fechadas, assim como, na Linha Imperial, a Praça Amstad (que havia sido construída em 1942) perdeu o seu nome, sendo obrigada a momentaneamente se chamar Praça Brasil.

Era esse o cenário em torno da Cooperativa Pioneira, que de repente percebeu a presença de policiais dentro das assembleias, policiais que estavam ali para se certificar de que a língua alemã havia sido substituída pela portuguesa. Uma situação triste. E preconceituosa, já que os imigrantes alemães no RS não pertenciam à ala nazista da Alemanha. Os que estavam na região de Nova Petrópolis tinham em seu âmago exatamente o contrário do partido nazista. Aqui, no Brasil, a cultura alemã (em todas as suas facetas) estava concentrada em gerar vida, esperança, futuro.

Os anos difíceis da Segunda Guerra Mundial enfim terminaram. Então as pessoas por trás da Cooperativa Pioneira, assim como os demais imigrantes alemães da região de Nova Petrópolis, puderam aos poucos voltar a respirar um ar livre de preconceitos. Naquele momento, a cooperativa encontrou novos perfis de associados, que logo se incorporaram aos agricultores: profissionais liberais e partes da cadeia industrial. Vale também registrar o início da presença de mulheres entre os associados: já havia onze delas em 1945. A Cooperativa Pioneira se multiplicava.

A estrutura também ganhava espaços mais significativos. No início dos anos 50, ocorreu a construção da primeira sede própria, com recursos da cooperativa, em Linha Imperial. Houve uma solenidade de lançamento da pedra fundamental dessa sede própria, em 1952, quando a entidade celebrou os seus 50 anos. A entrega da sede foi em 1954 e lá ela funcionou até 1967, quando transferiu-se ao centro de Nova Petrópolis. Hoje, essa obra que abrigou a sede própria da Caixa Rural ainda é muito representativa: tanto que se tornou, em 2013, Patrimônio Tombado do Município de Nova Petrópolis.

A cooperativa sempre esteve à mercê das forças incontroláveis da História. E um desses momentos foi em 1964, com o surgimento do Regime Militar no Brasil. Era um tipo peculiar (e perverso) de obstáculo. A partir daquele ano, o governo militar brasileiro, entre vários outros desatinos, restringiu ainda mais a autonomia do cooperativismo de crédito. Não por acaso aquele período ficaria conhecido como a “Era do não pode”, devido às limitações impostas às cooperativas, como, por exemplo, a impossibilidade de formar centrais, de sustentar filiais e de participar da câmara de compensação de cheques.

Muitas cooperativas tiveram que fechar as portas, incapazes de seguir adiante com tamanhas proibições — das 67 Caixas Rurais fundadas no período de 1902 até 1966, apenas 14 permaneciam ativas em 1980. Por sorte, o Regime Militar terminaria em 1985.

No cenário nacional, segundo o Banco Central do Brasil, ao fim de 1961, existiam no Brasil 511 cooperativas de crédito, com 547.854 associados. Já em 1980 remanesciam apenas 430 dessas em todo o nosso país.



Solenidade dos 50 anos, da Caixa Rural, com o lançamento da pedra fundamental da sede própria da cooperativa.



A construção da nova sede própria, em Linha Imperial.



Sede própria da Caixa Rural de Nova Petrópolis concluída. Hoje o prédio é Patrimônio Tombado do Município.

*Estamos
aqui.*

Capítulo 4

ESTAMOS AQUI

A EDUCAÇÃO É A ESTRATÉGIA DO SUCESSO.

Theodor Amstad

NO RUMO CERTO

Na década de 70, alguns acontecimentos importantes fizeram com que o cooperativismo ganhasse mais fôlego, mais autossuficiência. Por exemplo, em janeiro de 1971, foi fundada em Nova Petrópolis a Federação das Cooperativas de Crédito Rural do Sul (Fecresul). Isso aconteceu graças ao esforço conjunto de 15 cooperativas de crédito, entre as quais a Cooperativa Pioneira. A Federação recém-criada começou a elaborar uma divulgação mais orquestrada dos serviços e também padronizou a administração de todas as instituições associadas, sempre fazendo uma ponte com os órgãos governamentais.



Sede Nova Petrópolis 3



Presidente Lucena



Vila Cristina

Algumas imagens da evolução das agências da Sicredi Pioneira ao longo dos anos. Uma longa caminhada.

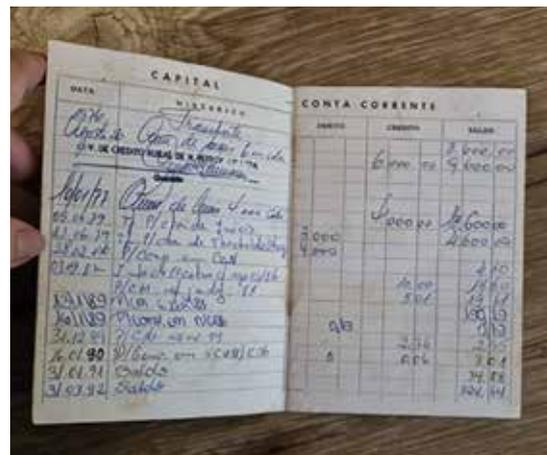
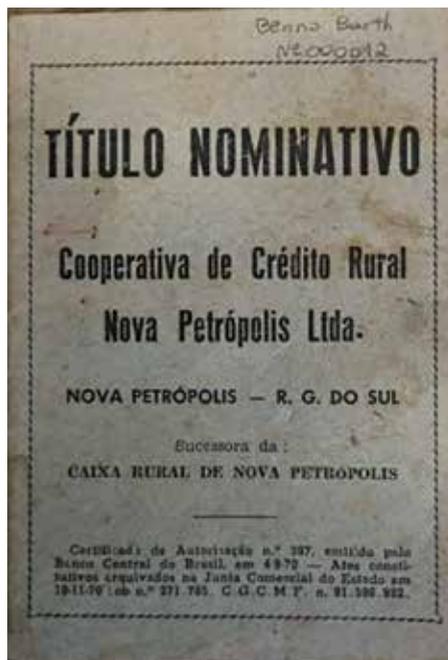


Início da construção da quarta sede, em 1975, sendo inaugurada dois anos depois, nos 75 anos da Sicredi Pioneira.

Em 1975, ocorre a aquisição do terreno (recebido por meio de permuta com a prefeitura de Nova Petrópolis) que abrigaria o novo prédio da sede. A construção foi iniciada imediatamente, em frente à Praça da República (conhecida como Praça das Flores). Sua conclusão aconteceu no dia 11 de dezembro de 1977, marcando as comemorações do aniversário de 75 anos da fundação da cooperativa — é oportuno pontuarmos que essa nova sede sofreria quatro ampliações, em 1994, 2001, 2005 e 2010. É ali que ainda hoje funciona a administração regional da Sicredi Pioneira.

Em 1980, estava em marcha um movimento de reestruturação das cooperativas de crédito, resultando na criação da Cooperativa Central de Crédito Rural do Rio Grande do Sul (Cocecrer-RS), cujo primeiro presidente foi o nova-petropolitano Werno Blásio Neumann, que era o gerente da Caixa Rural. Neumann, neto de um dos fundadores, foi o primeiro gerente técnico da cooperativa. Ele liderou a organização baseado em estruturas de associações agropecuárias, que eram bastante corriqueiras ao longo do estado. A Cocecrer-RS tinha como objetivo promover a integração das cooperativas, fiscalizar todas as operações (ativas e passivas), disponibilizar treinamentos e ser a representante da Cooperativa ante os órgãos governamentais e os mandos monetários.

O fim da década de 80 reservava uma mudança significativa para as cooperativas de crédito, que já estavam inseridas em uma sequência irreversível de modernizações. Então, em 1988, inicia-se o processo de informatização das cooperativas vinculadas à Cocecrer, fazendo com que os processos manuais de gestão e controle fossem substituídos — tudo isso realizado por intermédio dos sistemas integrados concebidos pela então Cocecrer-RS. Como consequência, essa mudança gerou mais rapidez, profissionalismo e transparência no desempenho do sistema.



Cadernetas onde eram registradas as operações do associado.



Assembleia Geral Ordinária para tratar da venda e transferência da sede da Linha Imperial para o centro de Nova Petrópolis, em 1971.

EM 10 DE JULHO DE 1992, SURTIU OFICIALMENTE A MARCA SICREDI, NOME COMERCIAL E INSTITUCIONAL QUE TODAS AS COOPERATIVAS DE CRÉDITO PARTICIPANTES DO SISTEMA COMEÇARAM A ACRESCENTAR EM SUAS MARCAS.

O início da década de 90 também foi determinante. Em 10 de julho de 1992, surgiu oficialmente a marca Sicredi, nome comercial e institucional que todas as cooperativas de crédito participantes do sistema começaram a acrescentar em suas marcas — essas marcas eram complementadas com os nomes das respectivas regiões, municípios ou áreas de atuação das cooperativas parceiras. Pouco depois, em 1994, o processo de informatização enfim se

tornou disponível para os associados, que começaram a ter acesso aos terminais de consulta e aos dados ali contidos. Completando essas mudanças, houve, em 1995, a criação pelas cooperativas do Banco Cooperativo de Sistema de Crédito (Bansicredi).

Inúmeras mudanças. E essas mudanças combinam com a variedade de denominações da razão social da Cooperativa Pioneira ao longo das décadas. É importante que visualizemos essas variações — afinal, elas ajudam a contar a história da cooperativa.

Como sabemos, tudo começou em 1902, com o nome Caixa de Economias e Empréstimos Amstad.

- Em 1917, o nome mudou para Caixa Auxiliar do Sindicato Agrícola de Nova Petrópolis.
- Em 1921, Caixa Auxiliar Raiffeisen de Nova Petrópolis.
- Em 1929, Cooperativa de Crédito Caixa Rural de Nova Petrópolis.
- Em 1999, Cooperativa de Crédito Rural Nova Petrópolis.
- Em 2017, Cooperativa de Crédito Poupança e Investimentos Sicredi Pioneira RS.

A evolução das sedes da Pioneira. Sinais de crescimento.



1ª Sede (Linha Imperial) - 1903 a 1933



2ª Sede (Linha Imperial) - 1933 a 1953



*3ª Sede (Linha Imperial) - 1954 a 1967
1ª sede própria*



*4ª Sede (Centro de Nova Petrópolis) -
1967 a 1977*



5ª Sede (Centro de Nova Petrópolis) - 1977 até hoje

UM PERFIL DIFERENCIADO

Um dos diferenciais da Sicredi Pioneira está na sua preocupação com as pessoas, com os projetos, com o desenvolvimento econômico, educacional e sociocultural de quem está ao seu redor. A pioneira das cooperativas sempre teve atuações mais abrangentes do que a atuação de uma simples instituição financeira. Na verdade, ela é uma instituição que se envolve de modo profundo com a comunidade, participando de projetos e incentivos que transcendem o mero relacionamento financeiro. Poderia até ser considerada uma entidade, tamanho seu envolvimento com as comunidades.

Além de oferecer todos os produtos e serviços que os bancos oferecem, a Sicredi Pioneira se diferencia no quesito da gestão, que, em sua essência, é democrática. Ao longo dos últimos 120 anos, a cooperativa se manteve fiel ao objetivo de oferecer aos seus associados uma participação efetiva e constante nos resultados. Todos participam. E todos crescem juntos, dando vazão a um sentimento gregário que, como preconizava o fundador Amstad, dá força à comunidade, ao espírito comunitário.

Aliás, o senso de comunidade prevaleceu inclusive durante os períodos mais complicados. E foram muitas as épocas de angústia e provação. Por exemplo, as duas guerras mundiais e a desconfiança externa, naqueles anos, de tudo o que estivesse vinculado à Alemanha; as crises financeiras que sacudiram boa parte do mundo; o aparecimento de governos totalitários (com atributos fascistas) que sufocaram as operações das cooperativas. Tudo isso foi superado pela força que a Cooperativa Pioneira encontrou na sua comunidade.

A ênfase no desenvolvimento regional sempre fez parte do propósito da Sicredi Pioneira, que por meio do cooperativismo de crédito se tornou referência nas localidades onde atua. Esse senso de cooperação acabou influenciando muitas gerações de pessoas, que se sentiam naturalmente impelidas a uma atitude de solidariedade e participação. Ao mesmo tempo que a cooperativa interpretava as necessidades dos cidadãos, esses mesmos cidadãos se engajavam no fundamento colaborativo — uma coisa levava à outra, revigorando a comunidade.

O perfil diferenciado da Sicredi Pioneira fez com que ela nunca parasse de crescer. Em 2000, a cooperativa possuía 13 agências espalhadas por 10 municípios — quantidade que aumentaria em todos os anos seguintes. A cada ano, os associados recebiam a notícia de que uma nova agência havia sido aberta, o que evidenciava a expansão e, paralelamente, permitia que novas conexões econômicas fossem estabelecidas. Em 2009, por exemplo, surgiram 5 agências.

A consequência foi que o crescimento sucessivo da Sicredi Pioneira consolidou a sua estabilidade financeira, tornando-a referência comunitária em 21 cidades: Nova Petrópolis, Alto Feliz, Canela, Caxias do Sul, Dois Irmãos, Estância Velha, Feliz, Gramado, Ivoti, Lindolfo Collor, Linha Nova, Morro Reuter, Novo Hamburgo, Picada Café, Portão, Presidente Lucena, Santa Maria do Herval, São Francisco de Paula, São Leopoldo, São José do Hortêncio e Vale real.

Vale destaque o fato de que a Sicredi Pioneira tem a preocupação de participar da vida de cidades grandes e também de pequenas. Linha Nova é um exemplo de município pouco populoso (menos de 2 mil habitantes) em que a cooperativa se faz presente, oferecendo à localidade um nível de atenção e proximidade que as redes bancárias convencionais, na maioria das vezes, não conseguem oferecer. Na ponta oposta, Caxias do Sul, Novo Hamburgo e São Leopoldo são exemplos de municípios grandes onde a Sicredi Pioneira RS disponibiliza um volume considerável de recursos para demandas variadas de projetos sociais. Isso ilustra o respeito que a cooperativa tem pelas especificidades regionais, pelas singularidades.

PESSOAS SÃO A PRIORIDADE

Amstad, ainda em 1902, ano da fundação da cooperativa, já havia dado sinais claros de que a ênfase nas pessoas e na comunidade deveria ser a prioridade da cooperativa: “Não trabalhar apenas para mim mesmo, senão pelos outros ou para o bem comum: também isso o tinha aprendido dos meus pais e avós, que sempre se achavam na ponta em todas as iniciativas de utilidade comunitária”. Essa atitude se perpetuou ao longo dos últimos 120 anos. Ou seja, mais do que priorizar oportunidades de mercado, a Sicredi Pioneira escolhe olhar para as expectativas e necessidades dos associados.

MAIS DO QUE PRIORIZAR OPORTUNIDADES DE MERCADO, A SICREDI PIONEIRA ESCOLHE OLHAR PARA AS EXPECTATIVAS E NECESSIDADES DOS ASSOCIADOS, UM PARADIGMA QUE SÓ PODE SER EXERCITADO GRAÇAS À AUTONOMIA DA COOPERATIVA.

É um paradigma que só pôde ser exercitado graças à autonomia da cooperativa, que aos poucos, soube aprimorar os seus modos de atuação, inclusive, com assembleias virtuais. Na concepção cooperativista, o modelo de gestão leva as pessoas a exercitarem dois papéis: donas da instituição e usuárias dos serviços. Por meio de assembleias, que acontecem até hoje, elas participam ativamente das escolhas. E durante essas assembleias acontecem tanto

prestações de contas quanto exposições de temas relacionados a crédito, constituindo uma abertura de diálogo que remete aos anos iniciais da cooperativa, tempos em que Amstad (no lombo da mula Diana) circulava por localidades e conversava com os moradores sobre poupança e cooperação financeira.

Saber trazer os jovens para o universo da cooperativa é algo que a Sicredi Pioneira faz há décadas. Por exemplo, para os estudantes do ensino fundamental, existe o programa A União Faz a Vida, cuja abrangência chega a todas as 21 cidades em que a Sicredi Pioneira está presente. É um programa que promove a capacitação dos professores. E também o estímulo à imaginação das crianças, com a disponibilização de uma biblioteca móvel que irradia ludicidade por meio de contação de histórias e de manifestações teatrais — uma atitude vanguardista da Pioneira que, com o tempo, passou a ser estimulada em outras cooperativas. O programa A União Faz a Vida é uma das principais iniciativas de responsabilidade social da Sicredi Pioneira. Envolve mais de 23 mil alunos e cerca de 3 mil educadores. Por meio desse programa, a educação oferecida pelas escolas ganha um complemento que incentiva noções de cooperação e cidadania, criando nos alunos e nas alunas uma atitude cooperativista. As ações pedagógicas se

concentram na elaboração de projetos cujos agentes empreendedores são os próprios estudantes, dando-lhes, assim, um estímulo à autonomia.

Os estudantes do ensino médio também são contemplados. Para eles, existe o programa Cooperativas Escolares, que tem como objetivo instigar nos jovens uma postura de liderança, de ética e de participação comunitária. É importante referir que essa ideia veio da Argentina, da cidade de Sunchales, instituição com a qual a Sicredi Pioneira mantém uma relação próxima — motivo que justificou a criação, em Linha Imperial, do Monumento à Irmandade (que também faz referência à cidade de Jablonec nad Nisou, da República Tcheca). Em Sunchales, município que é considerado a capital do cooperativismo na Argentina, também há um monumento.

Próximo ao monumento, hoje fica a Casa Cooperativa de Nova Petrópolis, uma entidade sem fins lucrativos criada em 2011, que tem o objetivo de incentivar a educação e a cultura do cooperativismo na região, além de divulgar o título de “Capital Nacional do Cooperativismo”. Ali hoje também existe o Memorial Padre Amstad, um espaço criado para contar e honrar a história dele com a Cooperativa.



Monumento à Irmandade, em Linha Imperial.

Dentro do programa Cooperativas Escolares, da Sicredi Pioneira, os estudantes do ensino médio que conseguem se destacar são promovidos ao chamado Conselho Jovem. Nele, há a criação simbólica e a simulação do cotidiano de uma cooperativa, com eleições para formar a diretoria e com a articulação de um estatuto norteador. É uma mistura de brincadeira e engajamento socioeconômico, o que acaba desenvolvendo nos jovens um espírito cooperativista que lhes dá um senso de responsabilidade, de engajamento com o futuro da comunidade.

Por tudo isso, dar as condições para a construção de um olhar cooperativo e cidadão da juventude é uma grande prioridade da Sicredi Pioneira. E isso tanto para a juventude que vive no espaço urbano quanto para a que vive no meio rural: todos são importantes e todos possuem suas próprias necessidades. Saber enxergar e interpretar essas realidades distintas, e assim oferecer resoluções específicas a elas, são comportamentos que sempre fizeram parte da cooperativa. Ela tem a sensibilidade de perceber as nuances que existem nos grupos mais jovens.

E ela tem a sensibilidade, igualmente importante, de compreender as características e as essências do homem e da mulher do campo, já que foi resolvendo os impasses econômicos de agricultores que a cooperativa se constituiu ao longo dos últimos 120 anos. De modo específico, para a pessoa física que sobrevive da agricultura familiar, a Sicredi Pioneira disponibiliza soluções para a estruturação tanto de propriedades extensas quanto de pequenas — possibilitando, dessa forma, o acesso ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf).

Pessoas são a prioridade. Assim, ao longo dos seus 120 anos, a Cooperativa Pioneira aperfeiçoa e personaliza os diálogos. Para ela, está presente a lembrança dos anos introdutórios, no início do século passado, quando a cooperativa atendia os associados em Linha Imperial, após a missa, dentro da residência do primeiro gerente, José Neumann Senior, cuja disponibilidade para o trabalho era a sua marca característica. De lá para cá, a estrutura física se desenvolveu bastante. Porém o zelo, a solicitude e o cuidado com as pessoas permanecem iguais. São características seculares do jeito de ser da Cooperativa Pioneira.



Atual sede da Sicredi Pioneira no Centro de Nova Petrópolis.



Réplica da 1ª sede da Cooperativa, no Parque da Aldeia Imigrante, em Nova Petrópolis. A história é preservada.

AGINDO COLETIVAMENTE

Na Cooperativa Pioneira, desde a sua fundação, existe a certeza de que a coletividade é mais forte do que a individualidade. O coletivo se sobrepõe. Para ilustrar isso, é bom lembrar que a gestão da cooperativa é deliberada por uma assembleia geral, que, entre outras coisas, elege o conselho de administração: presidente, vice-presidente, oito conselheiros titulares e quatro suplentes, cujos mandatos são de quatro anos. Contando com os comitês estratégicos e com os coordenadores dos núcleos, o conselho define direcionadores estratégicos em conjunto com o interesse dos associados, monitora desempenhos, presta contas aos associados (existe um conselho fiscal) e os representa perante os órgãos regulatórios. Os coordenadores de núcleo representam a efetiva participação do associado na gestão da cooperativa. Além de representarem os associados de cada uma das agências durante as assembleias gerais, o grupo (que é plural, igual aos associados) têm grande proximidade com o conselho de administração e grupos de trabalho e deliberam pautas como o planejamento estratégico. Tudo é coletivo.



Monumento A Força Cooperativa, em Nova Petrópolis.



Pedra que hoje está em Linha Imperial, em homenagem à metáfora de Amstad, para lembrar que juntos somos mais fortes.

AS PESSOAS QUE
CONSTROEM JUNTAS
COMUNIDADES MELHORES
ACABAM GERANDO
IMPACTOS SOCIAIS E ECO-
NÔMICOS, E ESSES IMPACTOS
ALARGAM A AUTOESTIMA
DOS ENVOLVIDOS.

E agir coletivamente pressupõe, sobretudo, uma vivência ativa dentro das comunidades, não para ser assistencialista, mas sim para encorajar a autonomia dos cidadãos. Devido a essa preocupação humanista, elaborou-se, em 2017, um mapa estratégico cuja pergunta orientadora é: “Para onde vamos?”. Surgiu daí a frase que (mesmo antes de ter sido eleita como um tipo de slogan da cooperativa) representa a Sicredi Pioneira: “Juntos construímos comunidades me-

lhores”. Impossível não reparar que o sujeito da frase está no plural, é um sujeito coletivo que se refere às pessoas que fazem parte direta e indiretamente da Pioneira.

Associados, administradores, colaboradores, familiares. As pessoas que constroem juntas comunidades melhores acabam gerando impactos sociais e econômicos, e esses impactos alargam a autoestima dos envolvidos. É um ciclo valoroso. E esse ciclo fez com que a Sicredi Pioneira insistisse no desenvolvimento de vários programas e soluções não financeiros — visto que as principais razões da existência da cooperativa não têm a ver com lucros, e sim com o desenvolvimento das comunidades.

A partir dessa mentalidade, a Sicredi Pioneira desenvolve vários programas, como, por exemplo, o Fundo Social, que é uma ligação de todas as lógicas da cooperativa, harmonizando o pinheiro econômico e o pinheiro social do cooperativismo — com essa iniciativa, existe o investimento em educação, saúde, cultura e esporte inclusivo, beneficiando todas as comunidades. Outro programa é a Educação Financeira, que se destina aos associados que desejam melhorar suas tomadas de decisão econômicas, garantindo assim a sustentabilidade, pois a relação com o dinheiro passa a adquirir uma postura mais estratégica.

Também são exemplos de programas da cooperativa a Sucessão Rural Familiar, que estimula a permanência dos jovens no meio rural e lhes dá assistência para o empreendedorismo, fazendo com que surjam novas fontes de renda provenientes do trabalho agrícola. E o programa Consultoria Empresarial, desenvolvido em parceria com o Sebrae, que disponibiliza treinamentos aos associados, contemplando cerca de 200 empresas por ano, o que fomenta o aperfeiçoamento da gestão dos negócios.

Agir coletivamente significa, por fim, revigorar e expandir o relacionamento com os associados. Dar-lhes a certeza de que a cooperativa estará sempre presente e pronta para acolhimentos. É uma atitude coletiva (e afetuosa) da qual a Cooperativa Pioneira jamais abriu mão. Essa disposição ao trabalho em conjunto é herança do ano inicial da cooperativa — naquele ano, os vinte fundadores da Caixa Amstad já reconheciam a importância de segurar forte as mãos uns dos outros e, com os olhares direcionados para os horizontes futuros, batalhar juntos por um destino cooperativista.

Os últimos anos talvez tenham sido os mais fortes nesse trabalho coletivo. Ao final de 2019, a Cooperativa Pioneira estava vivendo um momento com bons resultados econômicos, pesquisa de clima interno ascendente, nota crescente no NPS (Net Promoter Score) que evidencia a satisfação do associado com sua cooperativa e atingindo a zona da excelência.

Inspirados pela história centenária, resgatando os motivos da fundação (motivos da longevidade da cooperativa), decidiu-se que o que estava bom poderia tornar-se ainda melhor. Houve uma evolução na forma de fazer negócios com os associados no dia a dia. Uma opção por amor e não por dor.

Tudo ia muito bem, obrigado, quando, no início de 2020 a Cooperativa (e o resto do mundo) foi surpreendida por uma pandemia mundial. E passou a conviver diariamente com problemas e dilemas de associados que perderam empregos ou tiveram redução salarial, de pequenos empreendedores que tiveram que fechar seu negócio, empresas grandes que sofreram com perda de faturamento.

Este cenário obscuro acelerou a empatia com as comunidades. E reforçou a crença de que a cooperativa deve ser reflexo de sua comunidade, que deve crescer na proporção

da prosperidade de onde atua. Neste momento, resolveu-se acelerar essa evolução que já estava acontecendo no modo de fazer negócios. A Pioneira viu que tinha que ser parte da solução e não do problema no caos que havia se instalado pela pandemia.

E decidiu não ser mais guiada por metas numéricas. Começou a ouvir para atender necessidades como nunca havia feito antes e conectar soluções às necessidades de nossos associados.

A instituição financeira cooperativa mais antiga da América Latina caminha de forma saudável e vibrante para completar 120 anos de atividades ininterruptas. Desde sua fundação, uma iniciativa extremamente inovadora, até hoje, foram os incontáveis os momentos em que a cooperativa precisou se reinventar para manter-se relevante no seu objetivo de atender as necessidades dos associados e, no cumprimento fiel de seu propósito, “Juntos construímos comunidades melhores”, que foi oficialmente escrito em 2017 pela primeira vez (mas que é um ideal de Amstad e outros fundadores desde 1902). O mundo mudou, as pessoas e suas necessidades também. E por conta disso, a Cooperativa também precisou mudar. Na sua forma, não essência.

Com esse pensamento, surge a missão da inovação dentro da Cooperativa Pioneira: “A melhor forma de honrar o passado centenário e de sucesso da cooperativa, é construir no presente, um novo futuro de relevância”. Partindo desta missão, com inspiração nas visitas a importantes centros mundiais do cooperativismo, como Mondragón, na Espanha, e ADG, em Montabaur, na Alemanha, é que surge a inspiração de criar o Complexo Pioneira. Uma organização ligada à Pioneira, junto ao prédio histórico da cooperativa, na Linha Imperial. Ela pretende atuar com três verticais de atua-

AGIR COLETIVAMENTE
SIGNIFICA, POR FIM
REVIGORAR E EXPANDIR O
RELACIONAMENTO COM OS
ASSOCIADOS. DAR-LHES A
CERTEZA DE QUE A
COOPERATIVA ESTARÁ
SEMPRE PRESENTE E PRONTA
PARA ACOLHIMENTOS.

ção: tecnologia, visando prover serviços e produtos para associados e colaboradores da cooperativa; educação, que disponibilizará conteúdo sobre cooperativismo e negócios conscientes; e será capital & cooperativismo, um braço de apoio financeiro e de Smart Money para empreendedores e empreendedorismo coletivo na forma de cooperativas que têm potencial de gerar emprego e renda na área de ação da cooperativa.

Assim, preservando a essência, honrando a tradição e os ensinamentos de Amstad (mas cientes da necessidade de continua evoluindo) a Pioneira deixa um legado para a geração futura de associados, construindo comunidades melhores para todos, conectada no século XXI.

CÍRCULO PLENO

A Sicredi Pioneira leva a sério a experiência do associado. Na verdade, no plural, “experiências”, já que na cooperativa as pessoas participam de muitos processos, de muitas situações de vida. E talvez o mais importante seja o fato de que esse espaço de experiências também se estende até os familiares dos associados, que são igualmente imprescindíveis para a Sicredi Pioneira. Omnibus omnia, “tudo para todos”, dizia Amstad, expressão que está gravada no busto que homenageia o Patrono do Cooperativismo Brasileiro, em Linha Imperial.

Tudo para todos: esse pensamento combina com o que acontece nas assembleias gerais da cooperativa. Os associados e os coordenadores de núcleo (que podem representar cerca de 2 mil pessoas) dialogam em um ambiente de pluralidade cultural, de tolerância e de respeito às diferenças, pois ali estão misturados agricultores, empresários, autônomos, professores, médicos, comerciantes, pessoas descendentes de alemães, italianos, portugueses e várias outras. Um conjunto de cidadãos entrosados na mesma linha de atitude cooperativista, na mesma vontade de aperfeiçoar a comunidade.

Aperfeiçoamento comunitário que sempre foi o foco de todas as gestões que já presidiram a Cooperativa Pioneira: Anton Maria Feix (de 1902 até 1929), Carlos Feix (1929-1960), José Wolmeister (1960-1974), Édio Spier (1974-2010), Mario José Konzen (2010-2011), Márcio Port (2011-2017) e Tiago Luiz Schmidt, atual presidente. Cada um com

suas características próprias, mas todos com a mesma consciência de que os associados (cerca de 180 mil em 2021) são a força, a ética e o sentido da cooperativa — característica que faz o círculo virtuoso do cooperativismo se tornar o círculo pleno do cooperativismo.

O que mais para dizer? Esta história começou com uma cena em preto e branco: uma fotografia antiga, de autoria incerta, que mostra Amstad montado na mula Diana. Daquela cena para cá, 120 anos se passaram. E a fotografia agora recebeu cores, planos de fundo e também inúmeros outros protagonistas, inúmeros outros rostos. Da atitude inicial de Amstad surgiu um universo ilimitado de cooperações, um universo que, na contramão dos tempos intolerantes e excludentes em que estamos inseridos, oferece respeito a todos que dele participam.

Será que o fotógrafo conseguiria hoje enquadrar o universo gregário da cooperativa em uma única foto? Com certeza não, até porque ele precisaria estar simultaneamente nas 21 cidades gaúchas em que a Sicredi Pioneira está presente e reunir mais de 180 mil associados. Mas tudo bem. No fundo, não precisamos de fotografias (nem de tantos números) para compreender a dimensão que a Cooperativa Pioneira tem. A verdadeira dimensão dela pode ser medida por meio de outras coisas, por meio de outras sensibilidades. Para querer compreendê-la, basta prestar atenção ao cotidiano das pessoas que fazem parte da cooperativa. Prestar atenção ao detalhe de um aperto de mão, a um tom de voz, a um olhar cuja cooperação e boa vontade fazem, inevitavelmente, a vida valer a pena.



*Fórum Regional
“A União Faz a Vida”*

Assembleia de associados da Sicredi Pioneira.



A União Faz a Vida é um programa de educação para construir e vivenciar atitudes e valores de cooperação e cidadania. Uma de suas ações é o trabalho com os professores



A Abelhuda é uma biblioteca móvel que por meio do Programa A União Faz a Vida fortalece o relacionamento e as ações de educação com as comunidades.



PRESIDENTES:



*Anton Maria Feix,
de 1902 a 1929*



*Carlos Feix,
de 1929 a 1960*



*José Wolmeister,
de 1961 a 1973*



*Édio Spier,
de 1974 a 2010**



*Mário José Konzen,
de 2010 a 2011*



*Márcio Port,
2011 a 2017*



*Tiago Luiz Schmidt,
de 2018 à atualidade*

**Com o falecimento do presidente Édio Spier, que pegou a todos de surpresa, muitos achavam que a cooperativa teria problemas. Mário José Konzen, que era um conselheiro, assumiu como provisório e presidiu a cooperativa por 11 meses. Depois disso, percebeu-se que era necessário criar um Modelo de Governança que já previsse as sucessões (o que funcionou e está em vigor até hoje).*

SECRETÁRIOS:

Franz Hillebrand, de 1902 a 1920

José Otto Neumann, de 1920 a 1928

Rudolfo F. Neumann, de 1928 a 1968

Henrique Hugo Spaniol, de 1968 a 1989

Júlio Carlos Feldens, de 1989 a 1993

GERENTES

José Neumann Senior, de 1902 a 1910

José Neumann Filho, de 1910 a 1928

José Otto Neumann, de 1928 a 1975

Werno Blásio Neumann, de 1975 a 1989

Gerson Ricardo Seefeld, de 1989 a 2000

Gilmar Miguel Uberti Minuzzi, de 2000 a 2007

Márcio Port, de 2007 a 2010

Solon Stapassola Stahl, de 2010 à atualidade

Linha do tempo

Hoje, essa cooperativa está presente em 21 municípios, tem cerca de 180 mil associados e mais de 700 colaboradores que fazem a diferença no dia a dia das suas comunidades.

“

Depoimentos

”

DEPOIMENTOS

UMA MESMA HISTÓRIA PODE SER CONTADA POR DIFERENTES PESSOAS. A SEGUIR, VEJA A OPINIÃO DE ALGUNS DOS PERSONAGENS QUE FAZEM PARTE DESSA TRAJETÓRIA.

Apontando a câmera do seu celular para o QR code, você é direcionado para assistir aos depoimentos completos em vídeo na página do Youtube da Sicredi Pioneira.



ADEMAR SCHARDONG - PRIMEIRO PRESIDENTE DO BANCO COOPERATIVO SICREDI



“A Pioneira sempre foi uma cooperativa de crédito que soube dosar a participação dos sócios nas decisões. Soube ter um conselho capaz, formado para gestão. E soube ter uma segregação adequada entre gestão executiva e direção estratégica.

Acho que a Pioneira é um exemplo disso hoje, e ela deve, pela sua representatividade histórica, fomentar essas coisas para todas as cooperativas brasileiras, pois esse é o grande desafio do momento. É a adoção de um processo de governança para assegurar a natureza societária da cooperativa.”

ARNO BOONE - ASSOCIADO DESDE 1936



“Eu ganhei a caderneta da Caixa Rural quando eu tinha alguns meses de vida. Meu avô me deu de presente de Natal, porque a Sicredi já tinha fama naquela época. De lá pra cá, eu tenho a minha caderneta, preto no branco, na mão.”

ARTHUR BLÁSIO RAMBO - PESQUISADOR E PROFESSOR DE HISTÓRIA



“Amstad é a figura chave da formulação de um projeto de desenvolvimento social e humano, com a possibilidade de participação de católicos, protestantes, qualquer confissão, e também italianos, luso-brasileiros, interétnicos e inter-

confessional. Com a cabeça sempre funcionando e com as ideias do associativismo da Europa, principalmente da Alemanha, Suíça e Áustria, ele foi bolando um projeto para essa região e para a colonização em geral. Ele percorria todas as colônias para incentivar a participação e também dava assistência religiosa. Podiam chamá-lo às duas da madrugada, não importava, ele encilhava a mula e ia.”

ASTA SPIER - ASSOCIADA DESDE 1952



“Eu ganhei de presente do meu pai uma caderneta da Caixa Rural para fazer as minhas economias. Passei a ganhar mesada com dez anos. Daí, para aprender a lidar com dinheiro, eu tinha essa opção de economizar um pouquinho e

colocar na Caixa. Tempos depois, o Édio, meu marido, que sempre foi muito ligado à comunidade, foi convidado para uma reunião da Caixa Rural. Ele foi. E ele voltou como presidente. Lembro que eu disse: ‘Mais essa, Édio?’. Mas ele assumiu e foi uma grande realização.”

Depoimentos

DANIEL JOSÉ HILLEBRAND - GERENTE DE RELACIONAMENTO DA SICREDI PIONEIRA



“Quando eu fiz 18 anos, o meu pai me associou à Cooperativa Pioneira. Até então, eu não pensava muito na minha situação financeira. Naquele dia, o meu pai me disse que o meu bisavô tinha participado da constituição da cooperativa. Aquilo

começou a gerar algo diferente em mim. Logo depois, eu comecei a trabalhar na associação Theodor Amstad, que foi uma instituição criada pelo próprio Amstad em 1912. Era uma editora, e tinha como objetivo levar informação para os agricultores aqui da nossa região. Então, por meio da associação, eu acabei tendo que atuar dentro da Cooperativa Pioneira em 2002, por conta das comemorações dos 100 anos da Pioneira. Com todo esse trabalho, eu conheci melhor a história da cooperativa. E daí me dei conta: “Poxa, o meu bisavô esteve no meio disso tudo’.”

EDUARDO SPIER - DIRETOR DE OPERAÇÕES DA SICREDI PIONEIRA



“É difícil falar sobre os próximos 20 anos. Mas acho que, cada vez mais, a Sicredi Pioneira vai ser vista como uma cooperativa realmente da comunidade, as pessoas vão se sentir participando ainda mais. A cooperativa vem sendo uma

referência para as comunidades. Isso é importante. Ser protagonista, puxar a frente de muitas coisas. Já está acontecendo, pois a gente ouve as pessoas falarem: ‘Ah, a Sicredi está participando, então vai dar certo, porque vai ser feito de uma forma correta’. O lado humano, da empatia, do relacionamento, isso vai ser ainda mais forte e mais relevante nos próximos 20 anos.”

GERSON RICARDO SEEFELD - EX-GERENTE DA SICREDI PIONEIRA



“No começo de 1990, tinha acontecido a situação do confisco do dinheiro, por causa do plano que o governo federal fez. A gente tinha que reverter a história, ou aconteceria o apagar das luzes da própria cooperativa. E aí se teve um trabalho in-

tenso, porque credibilidade é o maior patrimônio que uma instituição financeira tem. A gente retomou o contato com os agricultores, no sentido de que eles pudessem voltar. Na época, eu entrei na cooperativa como gerente. Éramos em oito colaboradores e, durante a tarde, com o fusquinha da cooperativa, alguns de nós iam visitar de casa em casa, para estimular depósitos e, assim, podermos emprestar para quem precisasse, nem que fosse para comprar uma carroça, um arado, uma junta de boi ou uma ordenhadeira.”

GILMAR MINUZZI - EX-GERENTE DA SICREDI PIONEIRA



“Na época em que eu entrei na cooperativa, a legislação dizia que os colaboradores não podiam ser associados. Só produtores rurais podiam. Daí a gente se perguntou: ‘Mas será mesmo que não pode associar o colaborador? Vamos mandar

ele abrir conta no Banco do Brasil? Na Caixa Federal? É algo que não fecha’. A gente conhecia histórias de outros países, onde existiam cooperativas fortes e onde tudo era aberto, as pessoas eram livres para optar. Então a gente começou a associar os colaboradores também, foi uma abertura, mesmo que a legislação não permitisse. Acreditávamos na máxima de que os costumes vêm antes do Direito. Cria-se o fato e depois o Direito vai lá e normatiza. Daí dissemos: ‘Vamos criar o fato’.”

HELOISA HELENA LOPES - VICE-PRESIDENTE DA SICREDI PIONEIRA

“Como inovação, como pioneirismo, é importante que as cooperativas se abram para receber mulheres nos cargos superiores. Mas, por razões culturais, nem todas as cooperativas estão preparadas para que as mulheres possam assumir posições de liderança. Então, quando enxergamos isso acontecendo, nós conseguimos dar luz ao assunto, trazendo a visibilidade da participação feminina e inspirando essa caminhada, para que as cooperativas, a exemplo da Cooperativa Pioneira, possam cada vez mais se abrir para o novo e também trazer mulheres para a liderança.”

JOSÉ MÁRIO HANSEN - EX-GERENTE DA COOPERATIVA PIÁ

“Onde existirem lideranças competentes, honestas e focadas em um objetivo, o sucesso é quase garantido. Do contrário, se as lideranças não forem aquelas que deveriam ser, o sucesso será duvidoso. Depende das lideranças. E em Nova Petrópolis nós sempre tivemos lideranças muito boas, competentes e também altruístas. Não olhavam só para o que poderiam obter. Na Sicredi aconteceu isso por muitos anos. A remuneração da diretoria era simbólica. Ou seja, as coisas aconteceram de maneira participativa.”

LUIZ CÉSAR WAZLAWICK - DIRETOR DE NEGÓCIOS DA SICREDI PIONEIRA

“A Cooperativa Pioneira me abriu novos olhares, me deu oportunidades de me desenvolver. Quando eu terminei o curso de técnico em contabilidade, eu já era caixa, e a primeira coisa que fiz foi procurar uma universidade. A cooperativa já me auxiliava. Eu fiz a faculdade e a cooperativa pagava pra mim a metade de 3 disciplinas. E eu pagava a outra metade. Era uma grande oportunidade, pois meu pai dizia que poderia ajudar os filhos até o segundo grau. Então desde o meu segundo grau de técnico contábil eu já fui o responsável por pagar a minha educação. E muito incentivado pelo Sicredi. Na época, os meus gestores sempre me diziam para não parar de estudar.”

MAGDALENA BEATRIZ HILLEBRAND - CONSELHEIRA DA CASA COOPERATIVA NOVA PETRÓPOLIS

“Eu nasci em Nova Petrópolis, na Linha Imperial, o berço do cooperativismo. O meu bisavô foi eleito o primeiro gerente da cooperativa, em 1902, no ano da fundação. Como na época eles não tinham um lugar específico onde a cooperativa pudesse se instalar, o meu bisavô ofereceu a casa dele. Ele disse para os outros membros: ‘Por uns meses pode ser aqui, até que a gente consiga se organizar’. Só que o pequeno período de meses durou 33 anos. Esse vínculo dos meus antepassados com a cooperativa é muito importante.”

MÁRCIO PORT - EX-PRESIDENTE DA SICREDI PIONEIRA

“Em maio de 2011, eu assumi como presidente da Sicredi Pioneira, permanecendo até dezembro de 2017. Acho interessante observar que, quando a gente olha para a história do cooperativismo nacional, um dos motivos pelos quais o Banco

Central perseguia as cooperativas era o regime familiar que existia. O Banco Central via com maus olhos o fato de que a gestão passava de pai para filho e depois para neto. Eu costumo dizer que o fato de a família Neumann ter abraçado a cooperativa aqui em Nova Petrópolis fez com a Pioneira chegasse bem à década de 80, ao contrário de outras cooperativas, que não aguentaram o período da Ditadura Militar. Aqui, em Nova Petrópolis, se tivesse existido uma alternância maior na gerência, nós talvez tivéssemos tido problemas durante aquele período.”

**MÁRIO JOSÉ KONZEN - PRESIDENTE DA CASA COOPERATIVA
NOVA PETRÓPOLIS**

“Na Sicredi Pioneira, tive a oportunidade de participar do conselho de administração, a partir de 2008. Continuei estudando muito. E em 2010, com 61 anos, eu voltei para a universidade para fazer uma pós-graduação em cooperativismo,

algo que me abriu o mundo. Na Pioneira, construímos muitas coisas, sempre aproveitando a História, as coisas boas que já tinham acontecido, e assim nós as adaptamos. Fomos buscar coisas novas pelo mundo. A gente foi para o Canadá, a Alemanha, onde podíamos ter informações mais qualificadas, e com isso construir uma Pioneira realmente como ela merecia.”

NILVA FEIX - CONSELHEIRA DA CASA COOPERATIVA

“O meu bisavô, Anton Maria Feix, foi um dos fundadores da cooperativa, ao lado do padre Amstad. Pelo que eu sei, como contam a história, meu bisavô teria escrito a primeira Ata e também teria sido designado por Amstad para explicar aos colonos

como funcionava os objetivos da cooperativa de crédito. Ele foi o primeiro presidente, sem receber nenhuma remuneração por isso. A minha família tem muito orgulho desses fatos, porque a finalidade da cooperativa sempre foi o de ajudar quem estivesse precisando.”

OVÍDIO HILLEBRAND - HISTORIADOR E ASSOCIADO

“A Sicredi funcionava na casa particular do gerente, seu José Otto Neumann. É uma imagem muito grande que eu tenho. Como gurizinho de onze, doze anos, ao ir para a escola, eu levava um montinho de dinheiro e meu pai dizia: ‘Olha, vai depositar na Caixa Rural’. Essa é

uma vivência real que marcou. Eu não entendia bem o que significava tudo isso, ter que levar o dinheirinho que o pai economizou aqui em casa e ir depositar lá. E muitas vezes também eu tinha que retirar um dinheirinho. Eu tinha a minha caderneta, a caderneta dos meus irmãos e a caderneta do meu pai. Estava tudo aqui em casa guardado.”

RODRIGO FRITZEN - EX-CONSELHEIRO DA SICREDI PIONEIRA

“Um dia, o Édio Spier, da Pioneira, veio me visitar e falou: ‘Rodrigo, nós te conhecemos, tu tens estado em alguns encontros sobre cooperativismo, sobre a necessidade de organizar o trabalho dos agricultores, até porque eles começam de

manhã e não têm nem sábado nem domingo, eles não têm férias. Então, se a gente trabalhasse de forma integrada, associativa, nós poderíamos nos organizar para que, num mês, alguma família de agricultores pudesse ter um fim de semana livre, pois um vizinho poderia cuidar. Nesse espírito. Tu quer nos acompanhar nessa questão do cooperativismo?’. E eu respondi: ‘É tudo o que eu quero.’”

SOLON STAPASSOLA STAHL - DIRETOR EXECUTIVO DA SICREDI PIONEIRA

“A Cooperativa Pioneira tem um papel muito maior do que ser apenas um provedor de produtos e serviços. Eu vi isso acontecer aqui, a ajuda que foi dada a muitas comunidades, no sentido de que o Sicredi, por exemplo, auxiliou pessoas a usar pela primeira

vez um cartão. E a partir daí essas pessoas se sentiram seguras para usar todos os outros cartões que possuíam, como o cartão do INSS. Elas perderam o receio de usar o cartão e também o receio de usar aplicativos. A tecnologia passou a ser natural para elas. Essa cultura foi passada a elas pelo Sicredi. É por isso que o Sicredi extrapola o papel dele, vai muito além. Ou seja, nós temos uma preocupação real de querer ajudar quem precisa.”

TARCÍSIO SPANIOL - TRABALHOU NA SICREDI PIONEIRA POR 33 ANOS

“Na época da Caixa Rural, a estrutura era mais corpo a corpo. Era mais difícil, pois tudo era feito manualmente. A gente tinha que fazer muita hora extra para conseguir dar conta do trabalho. Mas foi muito legal. Eu me sentia feliz. Nós éramos

uma equipe unida, de parceiros, que dividia o dia a dia. Enfrentávamos juntos as dificuldades da época, e uma delas era a perseguição do Banco Central, que era contra as cooperativas. Nesse sentido, era difícil. Mas nós tínhamos a vantagem da proximidade com os agricultores, e isso nos ajudou muito.”

TIAGO LUIZ SCHMIDT - PRESIDENTE DA SICREDI PIONEIRA

“Quando eu fui trabalhar com o meu pai, eu já tinha uns 15 anos de experiência no mercado de trabalho, mas foi só naquele momento que eu fiquei sabendo do Sicredi, porque o meu pai me disse que eu tinha que abrir uma conta lá. Daí eu disse: ‘Pai, eu já tenho conta em banco’. E

ele respondeu: ‘Filho, o Sicredi não é um banco, é uma cooperativa’. Eu insisti dizendo que era tudo a mesma coisa, mas acabei entrando na cooperativa. Até aquela hora, pra mim, era um banco. Quando eu cheguei lá e fiz a minha associação, que na minha cabeça era abrir uma conta, percebi um atendimento e um ambiente diferenciados, mas eu ainda achava que era um banco, nada mais. Até o dia em que eu fui convidado para ir a uma assembleia e conheci o nosso ex-presidente, Edio Spier. Quando ele abriu os números da cooperativa, mostrou o tamanho do sistema, aprovou a remuneração dele de presidente, elegeu o conselho de administração, aprovou as contas e a distribuição

do resultado, eu enfim pensei: 'É diferente'. Pois havia uma conexão muito forte com aquilo em que eu acredito, o fato de que o local se desenvolve por meio das pessoas. Naquele momento, pra mim, a chave foi virada e eu nunca mais olhei para o Sicredi como um banco. Passei a entender que ali existia uma grande organização coletiva. E me apaixonei pelo modelo cooperativo.”

VERGILIO PERIUS - PRESIDENTE OCERGS



“Uma cooperativa de crédito vai crescer não porque ela tem a taxa de juro um pouco menor ou maior. Ela na verdade vai crescer na adesão ao amor à pessoa humana, à ligação afetiva com o ser humano. Isso os capitais públicos e privados não conseguem fazer. É essa relação umbilical e maternal que uma cooperativa de crédito consegue estabelecer com suas comunidades o que vai fazer crescer o cooperativismo no futuro.”

É essa relação umbilical e maternal que uma cooperativa de crédito consegue estabelecer com suas comunidades o que vai fazer crescer o cooperativismo no futuro.”

WERNO BLÁSIO NEUMANN - EX-GERENTE E COOPERATIVISTA



“Eu nasci em 1935 e, anos depois, fui o quarto gerente da Caixa Rural, depois do meu bisavô, do meu avô e do meu pai. Lembro que, quando meu pai era o gerente, a Caixa funcionava dentro da nossa casa. Naquela época praticamente não tinha automóvel, então os associados vinham a cavalo. Em alguns dias tinha quinze, vinte cavalos na frente de casa. Muitos desses associados vinham para atualizar as suas cadernetas, onde eram feitos todos os lançamentos, e eles traziam mais dinheiro para depositar, porque a Caixa Rural era uma entidade de muita credibilidade, de muita confiança.”

Naquela época praticamente não tinha automóvel, então os associados vinham a cavalo. Em alguns dias tinha quinze, vinte cavalos na frente de casa. Muitos desses associados vinham para atualizar as suas cadernetas, onde eram feitos todos os lançamentos, e eles traziam mais dinheiro para depositar, porque a Caixa Rural era uma entidade de muita credibilidade, de muita confiança.”

“Uma cooperativa de crédito vai crescer não porque ela tem a taxa de juro um pouco menor ou maior. Ela na verdade vai crescer na adesão ao amor à pessoa humana, à ligação afetiva com o ser humano.”

Municípios

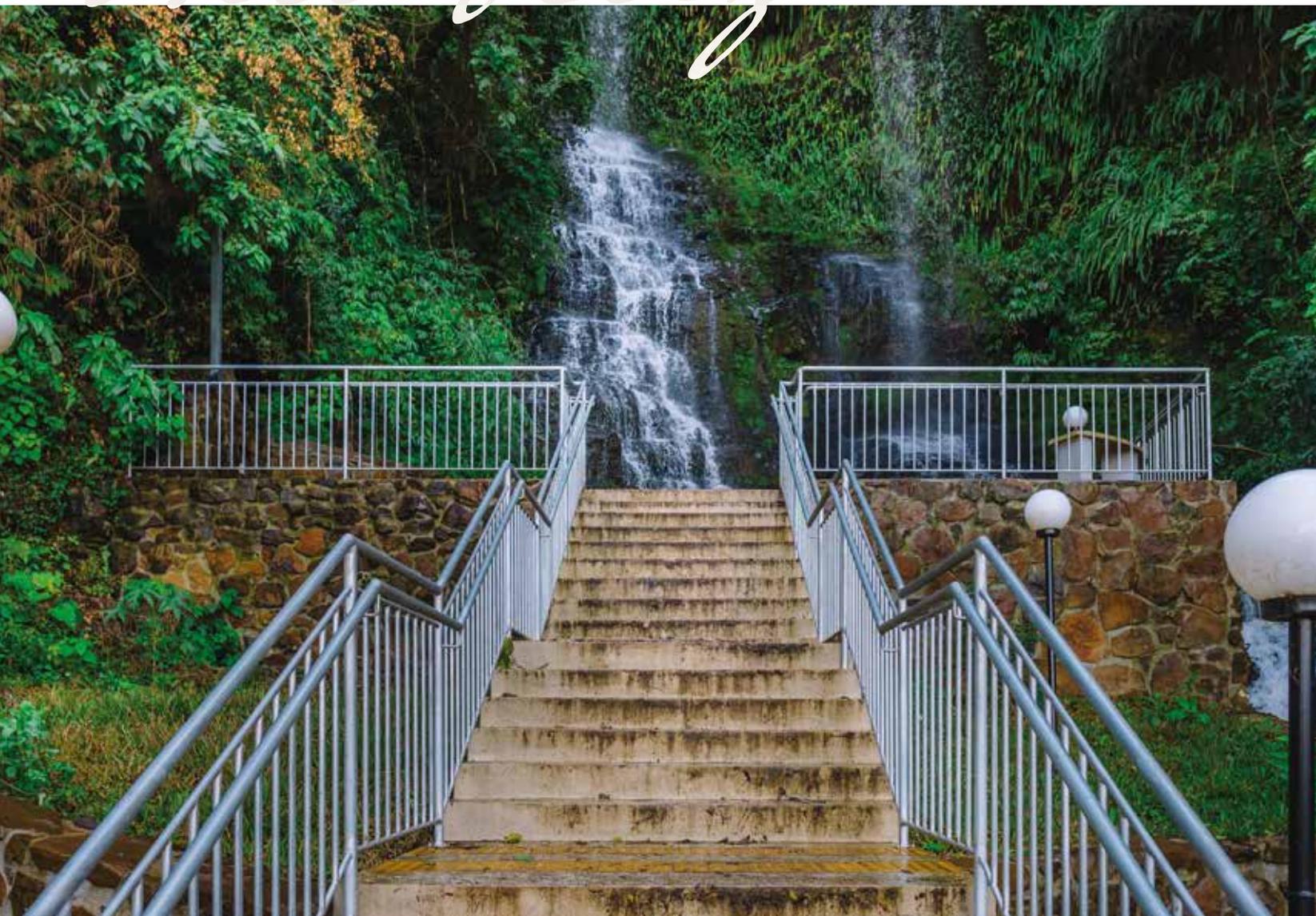
MUNICÍPIOS

A COOPERATIVA PIONEIRA JÁ PASSOU POR MUITO. MAS A PREOCUPAÇÃO FOI SEMPRE A MESMA: MANTER A ESSÊNCIA.

ESSA ESSÊNCIA, QUE TEVE SEU INÍCIO EM LINHA IMPERIAL, NOVA PETRÓPOLIS, HOJE SE ESPALHA EM 21 MUNICÍPIOS E ALCANÇA CERCA DE 180 MIL ASSOCIADOS, QUE ACREDITAM NA MESMA CAUSA.

NAS PÁGINAS A SEGUIR, UMA HOMENAGEM A TODAS ESSAS CIDADES. SUAS PARTICULARIDADES FAZEM DELAS ÚNICAS. E SUA UNIÃO CONSTITUI A FORÇA DA SICREDI PIONEIRA.

Alto Feliz



ALTO FELIZ

Em 1992, após um desenrolar plebiscitário, Alto Feliz se emancipou. Abriu-se um novo capítulo para os alto-felizeses, que já tinham para si heranças das culturas alemã e italiana. Começava ali uma trajetória independente.

Vinícolas, cascatas, mirantes, vales, cervejarias: há diversos atrativos turísticos em Alto Feliz. Bianualmente, ocorre a Alto Fest, que é a festa de integração das etnias, com o Coral Municipal, grupos de danças, culinária e muita alegria.

A agricultura familiar é a base da economia da cidade, destacando-se as produções de ovos e de mudas frutíferas, assim como as criações de frangos e perus. Para fomentar o mercado, existe também uma lei municipal de incentivo à expansão econômica, fato que dá chance para quem está começando a empreender. Alto Feliz está mirando alto!

Cascata de Alto Feliz

Pib per capita	R\$ 31.143,68	IDH	0,73
Taxa de Escolarização	98,1%	IDEB	6.8
Expectativa de vida ao nascer	78,1	População	3.043



CANELA

Com a grande possibilidade de contato com a natureza, Canela é elegante e hospitaleira. É um dos principais destinos turísticos do Brasil. Em todas as semanas, os hotéis, as pousadas e os chalés recebem turistas que, ao se darem conta, já estão apaixonados pela cidade.

Gastronomia, belezas naturais, lazer, tranquilidade, Canela oferece isso tudo. Vale uma menção ao Parque da Ferradura e ao Parque do Caracol (com suas trilhas, mirantes e cachoeiras), e ainda ao Parque Temático Mundo a Vapor e ao Alpen Park. Além da sua natureza hipnótica, Canela também se destaca pelo seu Festival Internacional de Teatro de Bonecos.

A economia de Canela sempre apostou no turismo. Por isso, a receptividade é algo inerente aos canelenses, que sabem de cor como acolher e agradar. São 45 mil habitantes à espera do próximo turista. À espera, sobretudo, de oferecer calor humano.

*Paróquia Nossa
Senhora de Lourdes*

Pib per capita	R\$ 25.378,74	IDH	0,75
Taxa de Escolarização	97,1%	IDEB	5.9
Expectativa de vida ao nascer	75,9	População	45.957

Caxias do Sul



CAXIAS DO SUL

Com mais de 130 anos, embora ainda nova, Caxias é múltipla. Caxias do Sul tem como característica principal a sua pluralidade, pois abraça não só a cultura italiana como também diversas culturas. Há espaço para o futebol de elite brasileira, para a indústria metal-mecânica, para a inovação, para o turismo, para a cultura, para o blues internacional. Caxias é inovadora, esportiva, cultural e muito mais.

Suas áreas turísticas têm relação com a herança cultural italiana. O Monumento Nacional ao Imigrante. Os pavilhões da Festa da Uva, com a réplica da Caxias antiga. A Igreja de São Pelegrino e os afrescos (densos, líricos) de Aldo Locatelli, que se inspirou no Juízo Final, de Michelangelo.

Caxias é, sobretudo, empreendedora. Essa virtude tem relação direta com o metalmeccânico – a cidade é o segundo polo do Brasil. Com 517 mil habitantes e PIB per capita de R\$ 44.927,71, Caxias tem a hegemonia econômica do interior gaúcho. Uma cidade que se habituou a acordar cedo. E a fazer a economia prosperar.

Praça Dante Alighieri

Pib per capita	R\$ 44.297,00	IDH	0,78
Taxa de Escolarização	96,3%	IDEB	6.2
Expectativa de vida ao nascer	76,6	População	523.716

Dois Irmãos



Pib per capita	R\$ 62.157,03
----------------	----------------------

Taxa de Escolarização	98,5%
-----------------------	--------------

Expectativa de vida ao nascer	75,9
-------------------------------	-------------

IDH	0,74
-----	-------------

IDEB	6.7
------	------------

População	33.547
-----------	---------------

DOIS IRMÃOS

Os dois ilustres irmãos são dois morros gêmeos que existem na cidade, dando as boas-vindas para quem chega lá. A cultura alemã está em todas as suas ruas e casas. E também na maioria das escolas, cujos alunos aprendem o idioma alemão.

Dois Irmãos é a cidade pioneira do Café Colonial no RS, uma tradição saborosa que se espalhou pelo estado. Fazendo parte do roteiro turístico da Rota Romântica, a cidade oferece aconchego e encantos, como a Cascata São Miguel, a Praça do Imigrante e o Museu Histórico.

O que faz a sua economia se destacar é o setor calçadista – atividade iniciada pelos imigrantes alemães. Não podemos nos esquecer do Kerb de São Miguel, a festa mais tradicional de Dois Irmãos, que dá um toque significativo à cultura local: música, culinária, jogos, desfiles e, claro, muita alegria.



Praça do Imigrante

Pib per capita	R\$ 29.630,14	IDH	0,76
Taxa de Escolarização	98,6%	IDEB	6.6
Expectativa de vida ao nascer	78,2	População	51.292

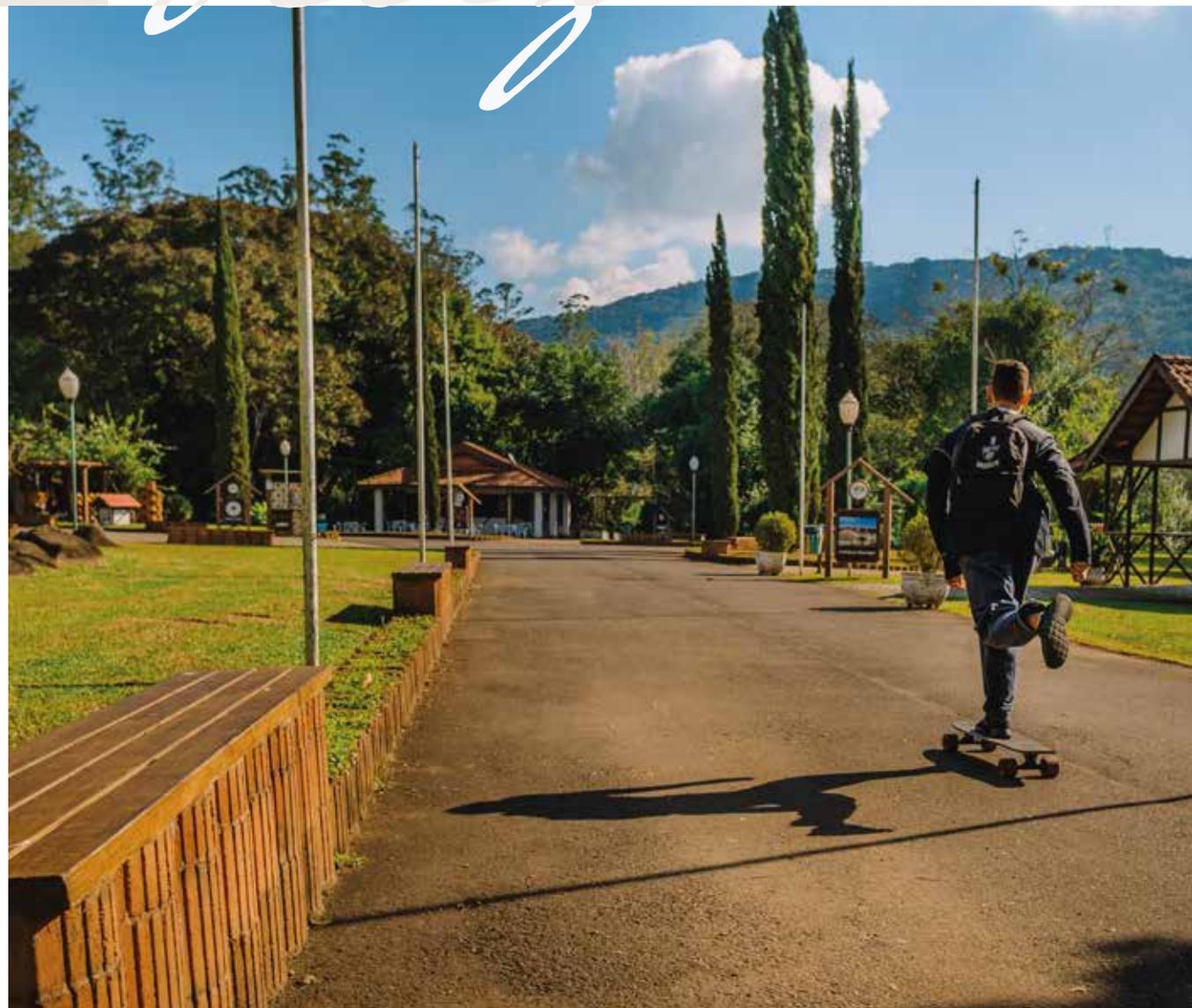
Feliz

ESTÂNCIA VELHA

Índios tupis-guaranis e caingangues foram os primeiros a habitar o território de Estância Velha. Os imigrantes alemães começaram a chegar em 1825, espalhando a sua cultura, que se mantém presente até hoje. A cidade tem ar germânico.

Com a inauguração da Igreja Evangélica, criou-se o Festival de Kerb, que proporciona culinária, concurso de chope em metro, produção de cucas e muita música. Também merecem visitas o Paradoiro (chimarródromo), a Praça 1º de Maio e o Centro Tecnológico do Couro.

No passado recente, graças ao desenvolvimento coureiro-calçadista, a cidade foi considerada a Capital Nacional do Couro. Hoje, a espera é pelo projeto chamado Rural Fest, que organizará uma rota colonial para fomentar a agricultura familiar e o turismo. Expectativas novas em Estância Velha!



*Monumento ao
curtidor*

Pib per capita **R\$ 31.408,48**

Taxa de Escolarização **98,9%**

Expectativa de vida ao nascer **75,8**

IDH **0,75**

IDEB **6.5**

População **13.728**

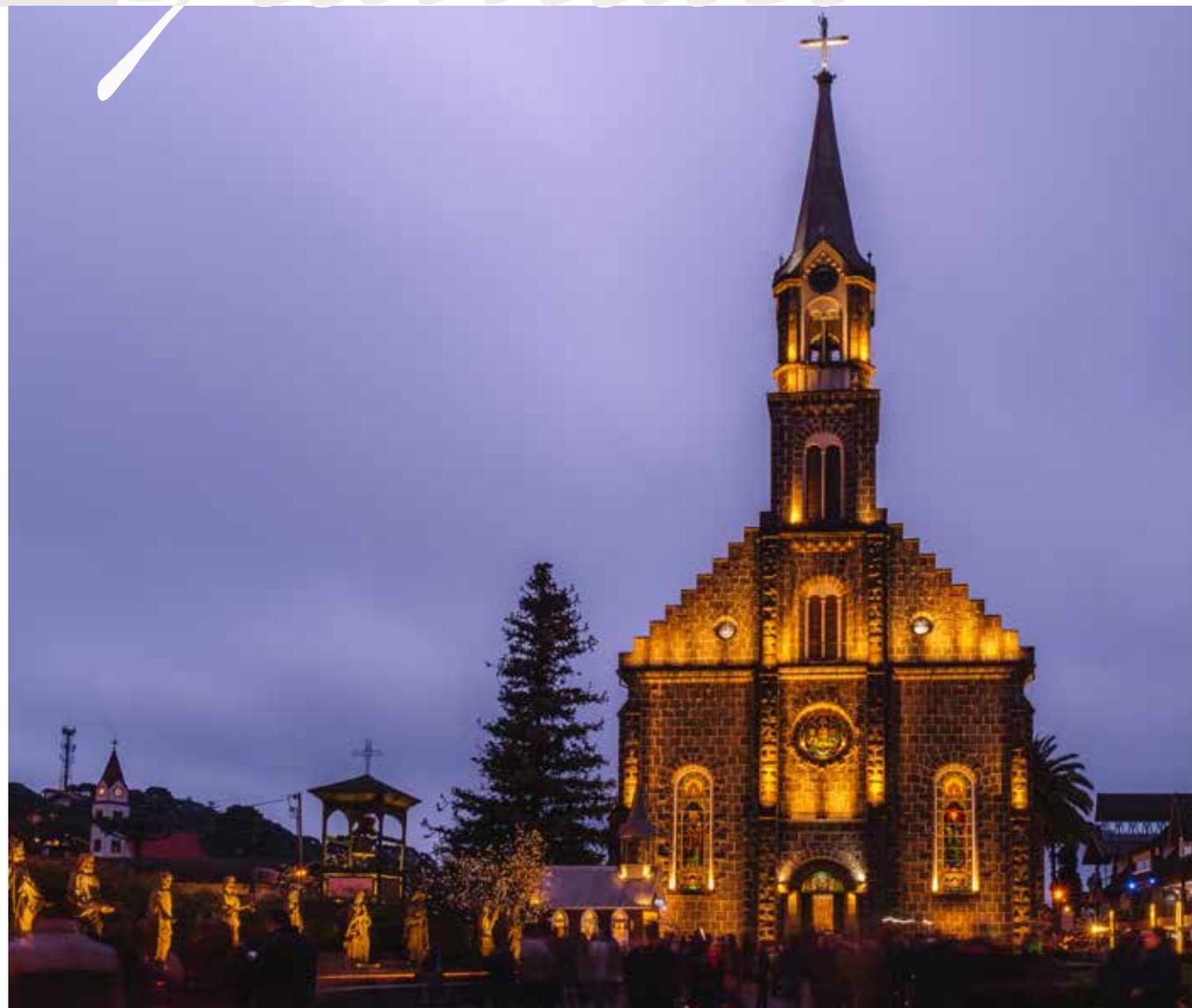
Gramado

FELIZ

O nome coincide com a realidade: existe, sim, felicidade na Feliz. Ela é famosa por ser o Berço da Qualidade de Vida no Brasil. A sua cultura alemã anda lado a lado com um senso de responsabilidade que, em 2010, foi confirmado pelo Censo do IBGE, reconhecendo o município como o mais alfabetizado do Brasil.

Para os turistas, a recomendação é o Festival Nacional do Chopp, uma tradição cervejeira que tem mais de 50 anos de história. Também não podem faltar visitas ao Parque Municipal, na Prefeitura e no Museu Histórico – as arquiteturas são invejáveis.

Na Feliz, as atenções dadas à saúde, à educação e ao trabalho lhe renderam, em 1998, o primeiro lugar no ranking brasileiro que aponta os municípios com maior Índice de Desenvolvimento Humano – relatório que foi divulgado pela ONU. Uma conquista importante. E Feliz!



Parque Municipal

Pib per capita	R\$ 54.901,17	IDH	0,76
Taxa de Escolarização	96,9%	IDEB	6.0
Expectativa de vida ao nascer	76,6	População	36.864

GRAMADO

Glamour e Gramado se misturam. A cidade tem charme e encanto inconfundível. Uma extensão europeia sem perder a identidade gaúcha e um dos destinos mais apreciados do Brasil.

Natal, chocolates, artesanatos, parques, museus, cinema. Tem tudo isso e muito mais. As culturas alemã, italiana e portuguesa dão o tom à atmosfera receptiva e elegante.

Gramado é assim, receptiva e elegante – uma elegância que sabe encantar quem decide visitá-la. São 32 mil habitantes que, com gentileza, recebem o RS, o Brasil e o mundo.



*Paróquia
de São Pedro*

Pib per capita	R\$ 42.392,50
Taxa de Escolarização	100%
Expectativa de vida ao nascer	75,9

IDH	0,78
IDEB	7.0
População	25.068

IVOTI

Embora a cultura mais reconhecida na cidade seja a alemã, o nome Ivoti vem da língua tupi-guarani. Significa “flor”. Não por acaso, Ivoti possui o título de Cidade das Flores – uma distinção que valoriza o capricho com que os ivotienses cuidam de seus jardins.

Nome tupi-guarani e cultura alemã. Mas também há em Ivoti a presença de uma atmosfera do Japão: a cidade abriga a única colônia japonesa no RS, cujos imigrantes começaram a chegar à cidade nos anos 1960. Para os turistas, existem três eventos principais: a Kolonistenfest (festa do colono), o Kerb in Ivoti e a prestigiada Feira das Flores.

São 24 mil habitantes que vivem da agricultura, pecuária, avicultura e suinocultura. Também se destacam os setores de laticínios, coureiro-calçadista e malheiro. Uma cidade que tem elegância. E flor no nome. Ivoti é perfumada!



Ponte do Imperador

Pib per capita	R\$ 49.614,84
Taxa de Escolarização	97,1%
Expectativa de vida ao nascer	75,5

IDH	0,71
IDEB	6.6
População	6.193

LINDOLFO COLLOR

Em 1992, a simpática e pequena comunidade de Picada Capivara se emancipou, dando início ao município de Lindolfo Collor, cujos traços culturais são alemães. Existe lá um fato interessante: apesar de possuir a terceira menor extensão territorial do RS, a cidade é o maior produtor mundial de tapetes de couro. Uma conquista significativa.

A Feira de Tapetes e Artefatos em Couro é a grande festividade local, com apresentações culturais, chope, música, artesanato e comércio. Há mais. Os turistas não podem deixar de visitar as casas em estilo enxaimel, o Sítio Arqueológico, a Sociedade Atiradores e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana.

A indústria de produção de tapetes possibilita a geração de centenas de empregos diretos e indiretos para os lindolfo-collorenses. Há exportações para diversos países, realidade que internacionaliza e alarga a cidade. Por isso, embora seja pequena, Lindolfo Collor é gigante.



Portal

Pib per capita	R\$ 28.231,24	IDH	0,75
Taxa de Escolarização	100%	IDEB	7.5
Expectativa de vida ao nascer	75,7	População	1.724

LINHA NOVA

Por volta de 1864, na localidade onde hoje fica Linha Nova, o imigrante alemão Georg Heinrich Ritter produziu e comercializou a primeira cerveja do estado. Um feito que rendeu ao município de Linha Nova o título de Berço das Cervejarias no RS. Orgulho para os linha-novenses.

A Festa das Origens, chamada de Heimatfest, movimentou a cidade: música, culinária, cultura e lazer. Fazendo parte da Rota Romântica, Linha Nova desenvolveu o turismo de natureza, com locais de visitação como o Morro do Mirante e a Praça das Águas.

Na economia da cidade, o foco está no setor primário (70% do PIB está ligado à agricultura, à pecuária e à silvicultura). Destacam-se a extração de acácia-negra, a produção de couve-flor e os hortifrutigranjeiros. Séria e trabalhadora, Linha Nova é uma linha que se desenrola para o futuro.



*Parque Municipal
Georg Heinrich
Ritter*

Pib per capita	R\$ 28.815,40	IDH	0,74
Taxa de Escolarização	96,7%	IDEB	6.5
Expectativa de vida ao nascer	76,1	População	6.570

MORRO REUTER

Caracterizada por uma atmosfera alemã, Morro Reuter gosta de valorizar a educação e a cultura. Tanto que é conhecida como a Cidade dos Livros, por causa de suas políticas que estimulam o aprendizado e o intelecto. Os morrorreutenses se orgulham desse reconhecimento.

Situada na Rota Romântica, a cidade oferece aos turistas a Festa Nacional da Lavanda, flor que é o símbolo de Morro Reuter. São atrações turísticas também a Igreja São José do Herval, o Mirante Felskopt, o Parque dos Mosaicos e o Armazém Kieling. Sem falar no Obelisco de Livros, que se impõe na entrada da cidade.

Na economia, destaca-se o setor de produção primária. Já na arquitetura e na paisagem, as casas, os jardins e os canteiros revelam o capricho dos 6 mil e 500 habitantes. Charmosa e inteligente, Morro Reuter é uma cidade que merece ser visitada.



*Praça José Paulo
Sabá Meyrer*

Pib per capita	R\$ 37.459,32
----------------	----------------------

Taxa de Escolarização	98,8%
-----------------------	--------------

Expectativa de vida ao nascer	78,4
-------------------------------	-------------

IDH	0,78
-----	-------------

IDEB	7,2
------	------------

População	21.717
-----------	---------------

NOVA PETRÓPOLIS

Uma das cidades gaúchas mais alemã do país. Culinária, arquitetura, clima, língua: tudo em Nova Petrópolis lembra a Alemanha. Há na cidade um capricho estético e uma receptividade que fazem os turistas se sentirem na parte central da Europa. Herzlich willkommen!

Nova Petrópolis é a capital nacional do Cooperativismo e também do Folclore de Dança. Ela tem ainda o título de Jardim da Serra Gaúcha. Lá, além das flores e das esculturas de pedra, destacam-se a Queda D'água Johann Grings, o Paredão Malakoff, o Labirinto Verde, o Panelão, o Parque Aldeia do Imigrante e o Ninho das Águias. Schön!

Acolhedora e romântica, Nova Petrópolis sabe que o turismo possui um papel crucial na sua economia. Para os moradores, viver a cultura germânica na cidade é tanto uma forma de vida quanto um meio de ganhar a própria vida. Bis später!



*Monumento
A Força
Cooperativa*

Pib per capita	R\$ 38.159,33	IDH	0,75
Taxa de Escolarização	97%	IDEB	6.2
Expectativa de vida ao nascer	76,1	População	247.303

NOVO HAMBURGO

Não só o nome da cidade, como também a cultura predominante, têm relação com a Alemanha. Quanto aos habitantes, os novo-hamburgueses, apesar da atual diversificação industrial que ocorre lá, identificam-se com a indústria do calçado. São fortes nisso.

A cidade é conhecida como a Capital Nacional do Calçado. E possui um museu que preserva essa faceta coureiro-calçadista, com um acervo de 50 mil pares, sendo alguns do século XII. O Teatro Feevale e o Centro de Eventos Fenac são locais receptivos a grandes eventos e shows que também dão identidade a Novo Hamburgo. A cidade também caminha com inovação e qualidade no ensino, onde mais de 13 mil alunos da universidade Feevale se desenvolvem.

Ela é o maior polo comercial do Vale dos Sinos e isso não se deve apenas à indústria do calçado. O setor de serviços é igualmente sólido, com um número grande de empresas participando das atividades. Por esses motivos, Novo Hamburgo tem um caminho interessante e de muitos negócios que prosperam.



*Catedral Basílica
São Luiz Gonzaga*

Pib per capita	R\$ 60.482,63	IDH	0,76
Taxa de Escolarização	99,3%	IDEB	8.3
Expectativa de vida ao nascer	75,5	População	5.780

PICADA CAFÉ

Geografia montanhosa, mata nativa, riachos, encostas encarpadas: isso tudo é Picada Café. A origem do seu nome tem duas versões. Uma delas remonta aos tropeiros, que faziam pausas para descansar e beber café na localidade. A outra versão tem a ver com os imigrantes alemães, que plantaram mudas de café numa área chamada Kaffe Eck (canto do café), plantação que não prosperou, mas que deu nome à cidade.

A Festa do Café, Cuca e Linguiça movimenta a cultura do município. Para os turistas, há também o Moinho, o Museu do Açougue, o Mirante Edgar Michaelsen, a Casa de Cultura, o Pórtico e o Parque Histórico Municipal Jorge Kuhn.

Importante dizer que o lírio amarelo é um dos símbolos de Picada Café, símbolo validado por lei. Na cidade dos lírios, a economia está relacionada com a agricultura, o comércio e o setor calçadista. São 5.738 habitantes esperando por você!



*Parque Histórico
Jorge Kuhn*

Pib per capita	R\$ 33.064,14
Taxa de Escolarização	96,2%
Expectativa de vida ao nascer	76,4

IDH	0,71
IDEB	5.8
População	38.081

PORTÃO

Ao longo do tempo, Portão se abriu para várias etnias e culturas: alemã, portuguesa, italiana, quilombola. Essa pluralidade caracteriza a cidade, que no mês de outubro oferece justamente a “festa do povo”, a Volksfest, fortalecendo os laços entre os portanenses.

Em Portão, as pessoas gostam de bicicleta – há uma ciclovia no centro e também a prática do cicloturismo rural, cujo percurso se estende por 18 km nas áreas bucólicas da cidade. Além disso, a Praça do Chafariz é um atrativo para os turistas, assim como o Parcão.

A cidade é forte na indústria do couro, bem como na agricultura familiar – a tradicional Feira acontece todos os sábados. E não podemos nos esquecer do cultivo da erva-mate, que acabou originando a famosa Mateada de Portão, uma maneira de vivenciar os costumes do RS. Portão está aberta!



Praça do Chafariz

Pib per capita	R\$ 48.987,29	IDH	0,76
Taxa de Escolarização	98,6%	IDEB	---
Expectativa de vida ao nascer	78,1	População	2.972

PRESIDENTE LUCENA

A história dos lucinenses está ligada à rota dos tropeiros, à imigração alemã e à abertura de uma estrada que recebeu o nome de Presidente Lucena. Bem mais tarde, nasceria o município, que hoje tem cerca de três mil habitantes e faz parte da Rota Romântica.

A cada dois anos, ocorre em Presidente Lucena a Schmierfest, que é a festa mais tradicional da cidade, sendo a principal atração a chimia de cana de açúcar. Vale ressaltar que 90% dos habitantes falam, além do português, o dialeto alemão Hunsrückisch – cultura germânica que aparece também nas casas de estilo enxaimel.

Os turistas não podem deixar de ver a Capela Três Mártires Riograndenses, o Alambique Unser Schnaps e o Pórtico. Junto com o turismo, a economia de Presidente Lucena conta com a agricultura familiar, as pequenas indústrias e o comércio. Uma cidade com apenas 29 anos de emancipação, mas cheia de vida e vontade.



Parque de Eventos
Egon Gewer

Pib per capita	R\$ 30.458,86	IDH	0,68
Taxa de Escolarização	88,1%	IDEB	6.4
Expectativa de vida ao nascer	75,8	População	6.382

SANTA MARIA DO HERVAL

A atmosfera germânica é predominante em Santa Maria do Herval. Tanto que o dialeto alemão Hunsrückisch, é falado por quase todos os moradores – dialeto que virou patrimônio cultural a ser preservado. Uma população simples, trabalhadora e bilíngue.

Localizada na Rota Romântica, a cidade possui 120 cascatas, com destaque para a Cascata do Herval. Possui também o Memorial de Arquitetura Germânica, que é simplesmente o maior acervo de maquetes de construções alemãs no mundo. Já no campo das festividades, o destaque é para a Kartoffelfest, a tradicional Festa da Batata.

Santa Maria do Herval é a 6ª cidade menos desigual do Brasil – mérito da sua comunidade. A cidade é a maior produtora de batata em área não mecanizada do RS. Importante também dizer que há diversidade econômica e incentivo para novas empresas, fortalecendo os hervalenses nesta trajetória de prosperidade.



*Cascata e Caverna
dos Bugres*

Pib per capita **R\$ 28.411,70**

Taxa de Escolarização **96,8%**

Expectativa de vida ao nascer **76,6**

IDH **0,69**

IDEB **5,7**

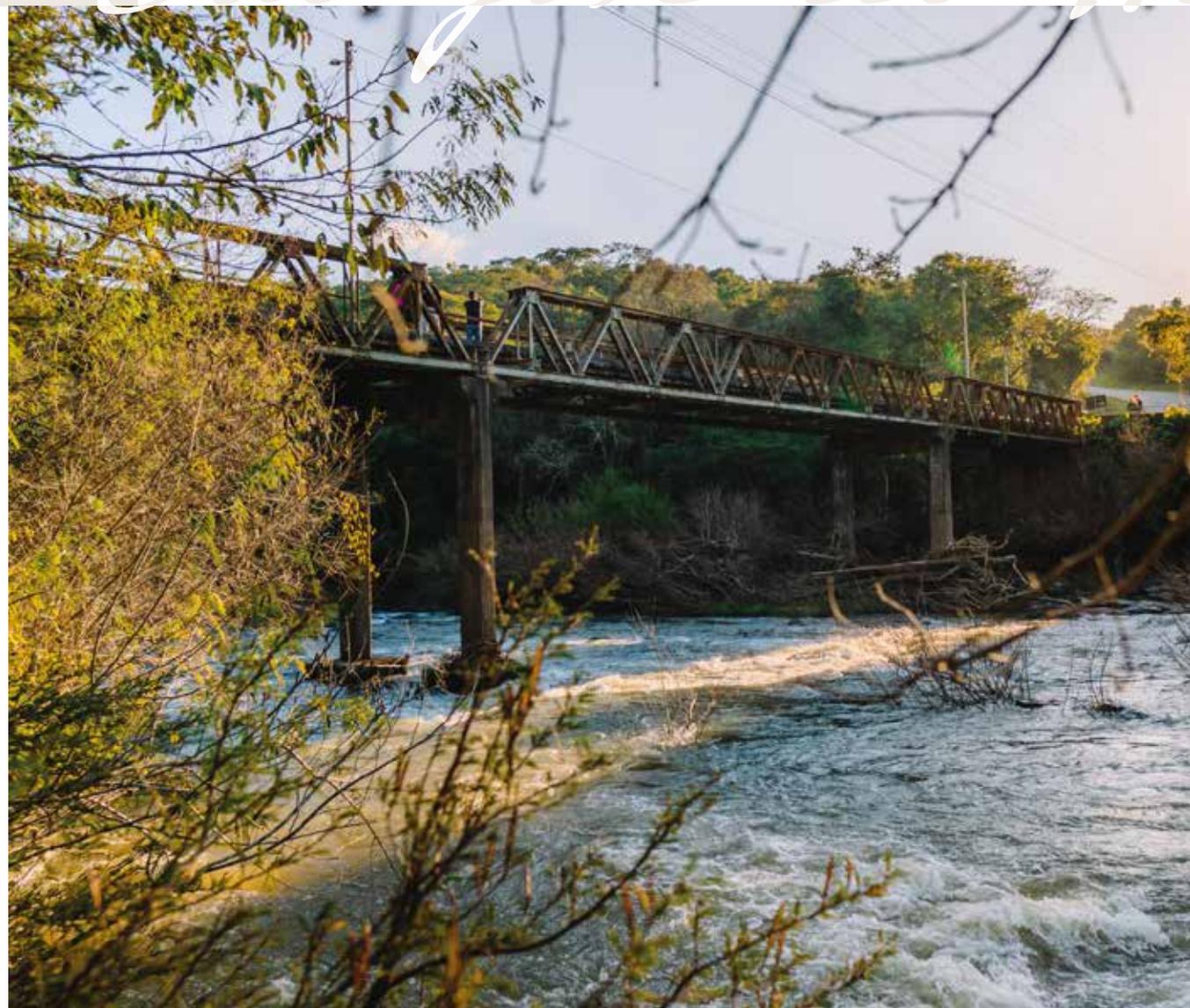
População **21.871**

SÃO FRANCISCO DE PAULA

Antes de São Francisco de Paulo existir, o local onde hoje ela se encontra foi habitado por índios Caaguarás, da tribo Coroados. Depois, virou caminho para os tropeiros, que iam do RS a SP. Heranças culturais que deram à cidade uma identidade e um jeito serranos.

No mês de maio, acontece a saborosa Festa do Pinhão, que hoje é complementada por um roteiro gastronômico. As belezas naturais da cidade também merecem uma visita: o Lago São Bernardo, o Parque das Oito Cachoeiras e a Reserva Ecológica Terra do Sempre. Já na parte cultural, o comando é da Livraria Miragem.

A agropecuária, as atividades relacionadas ao turismo e a produção e o beneficiamento de madeira são os setores que fazem a economia de São Francisco de Paula se movimentar. Por fim, na forma de convite, é importante dizer que os 21 mil habitantes de São Chico (como é afetuosamente conhecida) não veem a hora de colocar um pinhão na chapa para você.



Lago São Bernardo

Pib per capita	R\$ 25.747,38	IDH	0,71
Taxa de Escolarização	99,5%	IDEB	6.3
Expectativa de vida ao nascer	74,5	População	4.924

SÃO JOSÉ DO HORTÊNCIO

Os hortencienses, além da língua portuguesa, falam o dialeto alemão Hunsrückisch. A cultura alemã é hegemônica para eles, mas também há descendentes de poloneses e italianos. E há práticas gaúchas, com centros de tradição e piquetes. São características culturalmente ricas.

São José do Hortêncio é a Terra do Aipim, cuja festa municipal ocorre a cada dois anos. Há na cidade uma orquestra e um grupo de danças folclóricas alemãs, envolvendo a comunidade. Em relação ao turismo, é importante citar também a Ponte de Ferro, a Praça dos Imigrantes e as casas de arquitetura germânica, que datam de 1830.

Na economia, em adição à produção de aipim, a cidade se destaca pelo setor de hortifruticultura, gerando vários empregos. São José do Hortêncio está localizada na região do Vale do Caí. Visitar a cidade será sempre uma ideia agradável.



Ponte de Ferro

Pib per capita	R\$ 38.317,82	IDH	0,74
Taxa de Escolarização	96,8%	IDEB	5.4
Expectativa de vida ao nascer	77,7	População	240.378

SÃO LEOPOLDO

No inverno de 1824, 39 imigrantes alemães chegaram à Feitoria do Linho Cânhamo, para em seguida fundar São Leopoldo. A cidade é o Berço da Colonização Alemã no Brasil, fato confirmado por lei, o que orgulha os leopoldenses.

Ao lado da cultura germânica, há na cidade um ar universitário, devido à expressividade da Unisinos, universidade com mais de 50 anos de história. Também dá identidade aos moradores a São Leopoldo Fest, maior festa do Vale do Rio dos Sinos, com gastronomia, artesanato, comércio, shows, exposições, oficinas e lazer. Um mundo.

A cidade aposta muito na indústria, com um parque industrial variado. O polo de informática também é forte, assim como os setores comerciais e de serviços. Segundo a Fundação de Economia e Estatística (FEE), São Leopoldo é uma das 50 melhores cidades para se viver no Brasil. Não é pouco!



Praça do Imigrante

Pib per capita	R\$ 22.086,84
----------------	----------------------

Taxa de Escolarização	98,4%
-----------------------	--------------

Expectativa de vida ao nascer	76
-------------------------------	-----------

IDH	0,74
-----	-------------

IDEB	6.4
------	------------

População	6.046
-----------	--------------

VALE REAL

Graças aos esforços de uma comissão emancipacionista, Vale Real conquistou a sua emancipação em 1992. Esse passo deflagrou uma aceleração em seu desenvolvimento. E deu ao município um senso mais forte de identidade.

Colonizada por alemães e italianos, Vale Real oferece à comunidade e aos visitantes a Kronenthal Fest, que celebra a cultura ítalo-germânica. Existem também na cidade a Rota Turística Caminho Sabores das Frutas, a Casa de Cultura José Octavio Gregory, a Praça do Bosque e a Casa do Artesão. São locais cujas paisagens e estéticas merecem ser apreciadas.

A economia local é impulsionada, principalmente, pelos setores de hortifrutigranjeiros, metalurgia, olaria e confecções – atividades que, praticadas com dedicação pelos vale-realenses, estão fazendo com que Vale Real trilhe o seu próprio caminho. É uma trajetória consistente, séria e cuidadosa.

*Aos que
fizeram
e fazem
juntos!*

AGRADECIMENTOS

A Cooperativa Pioneira sempre se baseou na participação das pessoas. E não poderia ter sido diferente no livro.

Este livro foi pensado por muitas mentes e criado por muitas mãos. Contou com a participação de pessoas da comunidade que se envolveram direta ou indiretamente com a trajetória da cooperativa, e que estiveram dispostas a contribuir com este rico material, seja com fotos, informações, entrevistas e checagem de dados.

O resultado deste trabalho é dedicado a todos aqueles que acreditam na importância do registro da história.

O agradecimento também se estende a todos os 4.100 colaboradores que já passaram pela Sicredi Pioneira, que ajudaram a escrever a sua história e que tanto fizeram e fazem pelos associados e comunidades.

Nesta história que não tem um fim, somos eternamente gratos a todos que construíram e constroem a Sicredi Pioneira: desde os valentes fundadores até e nossos atuais colaboradores, que não medem esforços no dia a dia para entregar à comunidade o propósito da Cooperativa.